

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS

**O TEXTO LITERÁRIO NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM
OLHAR, UMA POSSIBILIDADE, UMA EXPERIÊNCIA.**

MELISSA KÜHN FORNARI

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do
grau de LICENCIADO EM LETRAS

PROF^a. DR^a. MARGARETE SCHLATTER
ORIENTADORA

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2006.

CIP - Catalogação na Publicação

FORNARI, Melissa Kühn O texto literário na aula
de língua estrangeira: um olhar, uma
possibilidade, uma experiência / Melissa Kühn
Fornari. -- 2006.
75 f.

Orientadora: Margarete Schlatter.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa
e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e
Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS,
2006.

1. Texto literário. 2. Ensino. 3. Português Língua
Estrangeira (PLE). 4. Abordagem didática. I.
Schlatter, Margarete, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo (...).

Galáxias – Haroldo de Campos

AGRADECIMENTOS

Aos alunos que contribuíram tão lindamente nas aulas do curso de Contos e Crônicas com suas perguntas, críticas, sugestões, idéias e participação. Agradeço a troca, o carinho e o quanto me ensinaram.

Aos professores do Programa de Português para Estrangeiros da UFRGS agradeço a oportunidade de aprendizagem, as trocas de experiências, a sensibilidade e seriedade com que dão vida ao programa. Agradeço a parceria da professora Cristina Uflacker no curso de verão, quando tive minha primeira experiência no ensino de literatura para estrangeiros. Agradeço aos colegas do Seminário de Formação de Professores, especialmente Gabriela Bulla, Graziela Andrigueti, Simone Carvalho e Letícia Santos todas as dicas e apoio que me deram quando entrei nesse grupo e a Letícia Bortolini, que me ajudou muito com idéias e sugestões, principalmente durante nosso estágio juntas. Entre os professores do PPE, agradeço também ao Everton Costa, amigo querido, que foi uma das primeiras pessoas a me incentivar quando comecei a dar aulas no programa, com quem aprendi muito.

Agradeço de forma especial à professora Margarete Schlatter a oportunidade de ser parte do PPE, o incentivo de sempre e tantos aprendizados desde quando fui sua aluna na disciplina de Estágio de Língua Inglesa. Agradeço também à professora Márcia Ivana, que sempre foi muito especial para mim, o incentivo e por também ser parte desse trabalho. Agradeço ainda aos professores Homero Araújo, Gínia Maria Gomes, Valdir Flores, Carmem Luci e Luciene Simões, que admiro muito.

Agradeço, por fim, a todos os meus amigos, em especial, Tanra Kuhn, Everton Costa, Paola Salimen, Letícia Bortolini e Ramiro Simões Lopes, e à minha família o apoio e carinho de sempre.

*There are places I'll remember
All my life though some have changed
Some forever not for better
Some have gone and some remain
All these places have their moments
With lovers and friends I still can recall
(...)
For people and things that went before
I know I'll often stop and think about them
In my life I love you more*

(The Beatles, In my life)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O TEXTO LITERÁRIO NA AULA DE LÍNGUA	9
1.1- Ensino de língua estrangeira e cultura	9
1.2.- Conceito de uso da linguagem	11
1.3- O papel do professor de língua estrangeira	12
1.4- Definição de texto literário e de literatura	13
1.5- Literatura na aula de língua	15
2. O CURSO DE CONTOS E CRÔNICAS	21
2.1- Objetivos do curso	22
2.2- Os alunos	23
2.3- Planejamento/ aplicação das atividades	25
2.3.1- Critérios para escolha dos textos	25
2.3.2- Critérios para criação das atividades	27
2.3.3- As aulas.....	27
2.3.4- Avaliação do curso	29
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO CURSO	32
3.1- Atividade 1	34
3.2- Atividade 6	38
3.3- Atividade 8	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ANEXOS	54

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a utilização do texto literário em aula de português como língua estrangeira (PLE). Discutimos a relação entre língua e cultura e como a literatura pode proporcionar uma aproximação entre o estudo de língua e de cultura. Apresentamos a perspectiva a partir da qual definimos texto literário e discutimos os objetivos de se inserir a literatura na aula de língua. Esses conceitos são a base para a elaboração do curso de Contos e Crônicas do Programa de Português para Estrangeiros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPE-UFRGS), aqui apresentado e discutido. Apresentamos os objetivos do curso, o perfil dos alunos, o programa e os critérios para criação e aplicação das atividades. Na parte final do trabalho, são analisadas três atividades do curso com o objetivo de promover uma reflexão sobre como a relação língua, cultura e literatura pode ser colocada em prática na sala de aula.

ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect upon the use of literary texts in Portuguese as a Foreign Language classes. Possible relations between language and culture and the way Literature may contribute to approximate the notions of language learning and cultural learning are discussed. The definition of literary text and the goals of using literature in a second language class are also presented and discussed. These concepts are the basis on which the course on Brazilian Short Stories Reading is planned and designed. This course was offered at the Portuguese for Foreigners Program at the Federal University of Rio Grande do Sul (PPE-UFRGS) and it is presented and analyzed in this monograph. The objectives of the course, the profile of the students, the criteria for planning and developing the activities proposed are examined in the second part of this paper. In the final part, three activities proposed for the course are reviewed aiming at promoting a reflection on how the relationship between language, culture, and literature may be put into practice in the language class.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso de textos literários em aulas de português como língua estrangeira e de que forma a literatura pode contribuir para o aprendizado de língua. O interesse pelo tema partiu de meu interesse pessoal pelas áreas da literatura e do ensino de língua e a partir da oportunidade de criar um curso de Contos e Crônicas no Programa de Português para Estrangeiros da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPE-UFRGS). A partir desse curso, do trabalho com o texto literário e da concepção de ensino de língua subjacente ao planejamento das aulas foi desenvolvida esta pesquisa que será organizada em três partes, conforme expresso no título, *um olhar, uma possibilidade e uma experiência*.

No primeiro momento, será abordada a orientação teórica que serviu de base para a realização deste trabalho. Será apresentado o que entendemos por ensino de língua com base na perspectiva que vê a linguagem como uma prática social. Juntamente com isso, discutiremos a relação entre língua e cultura que, de acordo com a visão adotada, são indissociáveis. Após expor sucintamente esses pontos, trataremos sobre o papel do professor de língua nesse contexto e sobre a importância da utilização de materiais autênticos que promovam uma aproximação mais verdadeira entre o universo do aluno e o da língua-alvo. Para terminar essa parte, será definido que tipo de texto consideramos literário e então relacionaremos o ensino de literatura e o ensino de língua. Nesse momento, partindo da visão de *função* da literatura apresentada por Salvatore d'Onofrio (1995), serão postulados os objetivos de se trabalhar com a literatura no ensino de língua estrangeira.

Na segunda parte, apresentaremos o contexto no qual foi desenvolvido o curso de contos e crônicas evidenciando como se deu o desenvolvimento do trabalho, a elaboração do programa e os objetivos estabelecidos para o curso –baseados nos pressupostos teóricos apresentados. Ao expor essa possibilidade de trabalho contextualizada – tanto de forma teórica quanto prática – temos como objetivo apresentar e discutir uma possível abordagem que alie literatura e língua. Apresentaremos ainda, como se deu a elaboração das atividades desenvolvidas – preparadas especialmente para o referido curso – focalizando principalmente os critérios para a escolha dos textos e para a criação e aplicação das atividades.

Por fim, apresentaremos três atividades desenvolvidas no curso de Contos e Crônicas. Pretendemos, nesse momento, refletir sobre como vemos os conceitos de língua e cultura e

literatura em tarefas para a sala de aula. As atividades foram selecionadas no intuito de se proporcionar uma visão abrangente partindo-se de aulas baseadas em textos com características bastante distintas. Optamos por comentar a elaboração das tarefas focalizando os objetivos e a proposta de leitura e interpretação subjacente a cada uma delas. Em seguida, avaliamos o trabalho realizado com os alunos e concluímos com uma reflexão sobre a inserção da literatura no ensino de Português como língua estrangeira.

1. O TEXTO LITERÁRIO NA AULA DE LÍNGUA

1.1- O ensino de língua estrangeira e cultura

Marco Polo, após suas missões diplomáticas, relatava ao Grande Kahn tudo que havia visto nas cidades por onde passara. O imperador apreciava muito as histórias do estrangeiro, ouvia seus relatos geralmente desde o pôr-do-sol até a hora em que o sono o dominasse. Uma noite, porém, o Grande Kahn resiste ao sono e ao cansaço e pede que Marco Polo continue o relato, perguntando sobre outra cidade, e outra, e outra, até o amanhecer. O viajante então diz que não conhece mais cidade alguma. Então, nesse momento em *As cidades invisíveis*, se dá o seguinte diálogo entre o viajante e o imperador dos tártaros:

- Sire, já falei de todas as cidades que conheço.
 - Resta uma que você jamais menciona.
 - Marco Polo abaixou a cabeça.
 - Veneza – Disse o Kahn.
 - Marco sorriu.
 - *E de que outra cidade imagina que eu estava falando?*
 - O imperador não se afetou.
 - No entanto, você nunca citou seu nome.
 - E Polo:
 - *Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.*
 - Quando pergunto de outras cidades, quero que você me fale a respeito delas. E de Veneza quando pergunto a respeito de Veneza.
 - *Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza.*
 - Então você deveria começar a narração de suas viagens do ponto de partida, descrevendo Veneza inteira, ponto por ponto, sem omitir nenhuma das recordações que você tem dela.
 - (...)
 - As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo. – Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, eu já a tenha perdido pouco a pouco. [*grifos meus*]
- (CALVINO, 1990, p.82)

Se relacionarmos as palavras de Marco Polo ao Grande Kahn com a questão do ensino e aprendizagem de língua estrangeira, notamos que o mesmo ocorre com quem aprende uma língua: o olhar sobre a nova língua e a nova cultura parte da perspectiva da língua materna, está fundamentado nos padrões culturais já conhecidos. O diálogo entre o viajante e o imperador ilustra o que entendemos por aprendizagem de língua estrangeira: um movimento que parte do conhecido ao novo, levando em conta questões que estão muito além do aspecto lingüístico. O trajeto de compreensão do outro faz parte desse aprendizado e a partir do contraste – e do entendimento desse contraste – aprende-se também a olhar a si mesmo, a conhecer-se de maneira mais profunda. Assim como Marco Polo que *para distinguir as*

qualidades das outras cidades parte de uma primeira *que permanece implícita*, no momento em que nos deparamos com uma realidade diferente da nossa, utilizamos os nossos padrões como base para compreender o novo. O conhecido serve como base para entender o desconhecido. Schlatter (2000) refere-se a essa questão quando aborda o papel da cultura no ensino de língua.

Especialmente no que se refere à cultura, as diferenças, as singularidades e até oposições podem servir como pontos de apoio, não de atrito. A comparação entre as bagagens dos diferentes povos pode e deve servir como fonte de autoquestionamento e valorização da própria cultura. (SCHLATTER, 2000, p.518).

Consideramos que o uso da linguagem – desde a escolha de recursos lingüísticos à maneira como as escolhas adquirem significação ou valor em um dado contexto – está vinculado a aspectos culturais. Portanto, o aprendizado de uma língua passa pelo entendimento desses aspectos, os seus próprios e os da língua-alvo.

Ao mesmo tempo, esse entendimento recíproco, de si mesmo e do outro, contribui para a formação de uma visão menos ingênua ou estereotipada sobre a questão de diferenças culturais a partir da construção de um novo parâmetro, conforme Galloway (1992). Ou seja, ao entrar em contato com uma cultura diferente, partimos dos nossos padrões culturais para olhá-la e entendê-la tendo por base nossa referência pessoal. Porém, não podemos *projetar* na língua-alvo nossas concepções, mas sim tê-las como base de reflexão e questionamento (do outro e de si mesmo) ao longo do processo de conhecimento dessa outra realidade.

Galloway asserts that to understand another culture, one must construct “a new frame of reference in terms of people who created it” (p.89). She explains that the process of constructing an appropriated frame of reference is complicated by the fact that cultures have both functions (meanings, purposes, needs) and forms (manifestations, realizations, operations) that vary widely, not only across cultures, but also within the subcultures of a society (p.90). (GALLOWAY, 1992 *apud* HADLEY, 1993, p.359)

O fato de afirmarmos que o entendimento dos aspectos culturais está subjacente ao estudo e ao entendimento de uma língua estrangeira nos leva a explicitar o que entendemos por *cultura* nesse trabalho. Estamos falando de cultura ou Cultura?

Entenderemos aqui a Cultura com C maiúsculo como a idéia padronizada da cultura de um lugar. Por exemplo, quando falamos sobre cultura brasileira e resumimos as manifestações dessa Cultura à Bossa Nova na música, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias na poesia e Tarsila do Amaral na pintura. Lembramos que não se critica a classificação destes como ícones culturais ou como aspectos representativos da cultura brasileira. Porém, é neste ponto que reside o problema. Podemos considerar a Bossa Nova como uma representação importante da cultura brasileira, porém, não em detrimento de outras

manifestações culturais da música que também são representativas para outros grupos nessa cultura, ou culturas que a compõe. A manutenção da idéia de que só a Bossa Nova seria a representação da cultura brasileira é um caminho reducionista e discriminatório, pois privilegia um determinado estilo e exclui os demais. Neste caso, onde ficaria o fandango do Sul ou o frevo do Norte? E as bandas de rock das grandes cidades? E o cordel nordestino? E o funk carioca?

Ouvimos frequentemente frases como *estas pessoas não têm cultura; eles não têm cultura; infelizmente o povo brasileiro não tem cultura*, que mostram a concepção de cultura como um padrão, algo que deve ser aprendido e apreciado, uma *cultura de elite*, conforme menciona Schlatter (2000, p.522). Quando o professor apresenta ao aluno a idéia de cultura como um único padrão possível, trabalha para a manutenção de preconceitos e, em relação a outras línguas estrangeiras, desenvolve um olhar unilateral, etnocêntrico, a partir do qual o aluno pensa *isso é melhor* ou *isso é pior*. E então, tem-se pela frente um longo caminho até que se possa pensar *isso é diferente de mim*.

Qual seria então a concepção de cultura que deveria nortear o rumo das aulas de língua estrangeira? Consideramos que *cultura* deve ser entendida como algo que é parte do cotidiano de um local, do dia a dia, da vida real a partir de um olhar que consiga ver além do certo ou errado. Um olhar que consiga ver o significado de determinada prática no contexto em que ocorre. O estudo ou a abordagem da cultura seria um constante deslocar-se. Para melhor explicar essa idéia, recorreremos mais uma vez a Calvino e seu já citado texto, ou melhor, a mais um diálogo que se dá entre Marco Polo e Kublai Kahn.

(...) o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (...)

- Você viaja para reviver o seu passado? – era, a esta altura, a pergunta de Kahn (...).

E a resposta de Marco:

- Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá. (1990, p.28-29).

Consideramos esta imagem do espelho em negativo bastante representativa. O ensino de língua e cultura que buscamos consiste exatamente em um espelho em negativo: reflete tudo o que está a sua frente, a vida real, o cotidiano, porém em negativo. Compete a nós conseguirmos ajustar o olhar para entender a imagem.

1.2 – O conceito de uso da linguagem

Se considerarmos que o entendimento de uma língua estrangeira se baseia principalmente no entendimento e no contraste de aspectos culturais, estamos concebendo a linguagem como algo que se realiza a partir do contato com o outro, a partir da interação, ou seja, como uma prática social. Portanto, utilizaremos, nesta pesquisa, a visão da sociolinguística interacional a partir da qual, de acordo com Goodwin e Duranti,

(...) a língua/gem humana em uso é vista “como um fenômeno interativo”, em que “contexto e fala... se colocam em uma relação mutuamente reflexiva em relação um ao outro, com a fala e o trabalho interpretativo que ela gera a moldar o contexto na mesma medida em que o contexto molda a fala” (Goodwin e Duranti apud GARCEZ, 2000, p. 501)

Essa concepção teórica pressupõe uma abordagem mais holística para o ensino de língua estrangeira. O entendimento das questões da língua-alvo depende da análise de seus múltiplos aspectos de uso, significação e valor dentro daquela realidade. Para poder entender como ocorre a apreensão de significados em uma outra língua, o aluno precisa vivenciar situações reais de uso, fatos que realmente ocorreriam no cotidiano daquela língua. Assim, a forma como se trabalha em sala de aula remete à maneira como a língua/gem se realiza na vida real, no dia a dia: uma prática social através da qual se executam ações no mundo (CLARK, 2000).

Dessa forma, percebe-se claramente que não faz sentido, no contexto de ensino de uma língua estrangeira, tratar a linguagem somente como o *assunto* da aula, analisá-la sem um contexto, discutindo aspectos gramaticais baseado em metalinguagem. Não é necessário dissecar a língua, mas sim fazer coisas com ela, usá-la e, assim, permitir que ela seja vista como sinônimo de interação, através da qual identidades, sentidos e ações são construídos e compartilhados pelos interagentes, pelas pessoas que *usam* a língua/gem.

1.3- O papel do professor de língua estrangeira

Tendo-se em vista a relação simbiótica entre ensino de língua e ensino de cultura e a visão de uso da linguagem como prática social, qual seria o papel do professor de língua estrangeira? O professor deve proporcionar ao aluno a oportunidade de discutir sobre aspectos culturais sem pré-determinar uma constatação ou guiar a opinião sobre determinada prática ou sobre o outro em geral. É necessário que o professor tenha como objetivo a reflexão crítica, fazendo com que os alunos observem e avaliem as situações antes de julgá-

las. Serrani (2015) define o professor de língua como *interculturalista*: “(...) docente – de língua materna ou estrangeira – apto para realizar práticas de mediação sociocultural, contemplando o tratamento de conflitos identitários e contradições sociais, na linguagem da sala-de-aula.” (2005, p.15). Nesta definição, a autora atenta para a importância de que o professor de língua

não conceba seu objeto de ensino – a língua – como um mero instrumento a ser ‘dominado’ pelo aluno (...). O perfil de interculturalista sensível aos processos discursivos, requer que o profissional considere especialmente, em sua prática, os processos de produção-compreensão do discurso, relacionados diretamente à identidade sociocultural. (SERRANI, 2005, p.17-18).

Além disso, o professor deve proporcionar que, na aula de língua, o aluno descubra a forma de olhar para o diferente – seja a partir de padrões ou regras sociais, seja a partir da forma como se organiza o discurso – através dos *espelhos em negativo* de que nos fala Marco Polo. Como já vimos, é necessário que a sala de aula seja um espaço de interação, que a linguagem seja vista como uma prática social e que o aluno tenha contato com situações reais de uso da língua.

Para que isso ocorra, é necessária atenção aos materiais utilizados. O uso de *materiais autênticos* – que, de acordo com Schlatter (2000, p. 522), *estão repletos de valores culturais* – contribui para o estudo e exploração de diversos aspectos da língua-alvo. Adotaremos a definição de material autêntico de Little e Singleton conforme citada por Bressan (2002),

(...) “texto autêntico é aquele que foi criado para preencher um propósito social na comunidade linguística em que foi produzido”. Alguns exemplos de materiais autênticos, que preenchem um propósito social, tal como informar, entreter, persuadir, etc., são jornais, revistas, programas de rádio e televisão, filmes, canções, catálogos, formulários de registro em hotéis, menus de restaurantes, rótulos, entre outros. (BRESSAN, 2002, p. 31).

1.4- Definição de texto literário/ literatura

Para abordar o propósito deste trabalho, que consiste em discutir o papel da literatura no ensino de língua estrangeira, é necessário apresentar o que entendemos aqui como texto literário. Adotaremos uma definição ampla, uma vez que consideramos que a linha – se é que ela existe – entre literário e não-literário é muito tênue e pode ser vista a partir de diversas perspectivas.

Começaremos apresentando uma definição de Mário de Andrade que, de certa forma, dialoga com algumas questões tratadas anteriormente (aprendizagem de uma língua estrangeira/valores culturais) e pode ser relacionado com o uso da literatura na aula de

língua estrangeira. É possível, então, traçar pontes entre essa discussão e a seguinte idéia apresentada pelo autor:

Porque literatura, uma arte uma escola, não é apenas uma procissão de indivíduos desconexos entre si e desrelacionados da coisa nacional em que vivem. Além de uma verdade individual ou universal, que eu poderei compreender e usar completamente, outras verdades existem no artista, verdades de ordem social, nacional, regional e até de grupo (...). (ANDRADE, 1972, p.65)

Entendemos, portanto, literatura como arte, como uma representação feita através de palavras que expõe ou mostra essas *verdades*, aqui entendidas como questões que fazem parte de uma determinada realidade. Em seguida, no mesmo texto, o autor retoma a idéia da literatura como arte quando fala sobre a literatura estrangeira e como é (ou não) possível compreender essas *verdades* num texto que não é meu, que não faz parte da minha cultura dizendo que

(...) nós exercemos um direito de vida daquela própria entidade que somos, ao passo que no julgar da coisa estranha nós exercemos primordialmente aquela delícia bem sutil de desviver, que também está na mais íntima função da arte. (ANDRADE, 1972, p.66)

Aqui, várias questões relevantes nesta pesquisa se inter-relacionam. O novo, o contato com esse *novo* (expresso aqui como a *coisa estranha*), a questão da cultura e do entendimento dessa cultura, o que isso nos causa ou provoca, que o autor define como *delícia bem sutil de desviver* e a arte.

Comentaremos brevemente, o que entendemos por arte. Para isso, recorreremos às palavras de Manuel Bandeira. Uma vez o poeta precisou definir o que era poesia (em um manual de literatura) e não soube fazê-lo, mesmo escrevendo poemas desde a infância e isso sendo parte de sua vida, conforme a seguinte afirmação,

conheço da poesia, por experiência própria, essa maneira inapreendida de ação: nunca pude explicar, em muitos casos, a emoção que me assaltava ao ouvir ou ler certos versos, certas combinações de palavras. (1975, p.27)

Este caso contado por Bandeira será a base da concepção de arte aqui adotada, vista como representação que suscita emoções, algo que faz parte de mim, com a qual de alguma forma me identifico e me emociono. Alia-se a isso a questão da *forma estética*, trazida por Mário de Andrade que diz que “não há obra de arte sem forma e a beleza é um problema de técnica e de forma” (ANDRADE, 1972, p.104).

A partir desta citação, consideraremos um texto *literário* ou *artístico* tendo como principal critério a questão da *forma*, não é especialmente *o que é* expresso no texto que lhe atribui o caráter de literário, mas *como*, que é definido pelo mesmo autor como forma estética:

Forma estética, isto é, a obra de arte (...). O artista de mais nobres intenções sociais, o poeta mais deslumbrado ante o mistério da vida (...) poderão perder até

noventa por cento de seu valor próprio si não tiverem meios de realizar suas intenções, suas dores e deslumbramentos. Ou então, qualquer contista de seminário religioso seria melhor que Machado de Assis! (ANDRADE, 1972, p.104-105)

Isso é o que mais profundamente diferencia *Poema tirado de uma notícia de jornal*, de Manuel Bandeira de uma notícia de jornal qualquer. Consideramos que o *como* está diretamente relacionado à questão da linguagem do texto, à maneira como ela se realiza, e ao sentido especial decorrente desse arranjo de linguagem. O trabalho com a linguagem e a multissignificação são, portanto, dois aspectos essenciais que atribuem ao texto o estatuto de literário. Outro aspecto importante é a questão da verdade/verossimilhança tratada por Aristóteles em sua *Poética*:

(...) a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade. (...) Isso evidencia que o poeta há de ser o criador mais das fábulas que dos versos, visto que é poeta por imitar e imita ações. Ainda quando porventura seu tema sejam fatos reais, nem por isso é menos criador; nada impede que alguns fatos reais sejam verossímeis e possíveis e é em virtude disso que ele é seu criador. (ARISTÓTELES, 1997, p.28-29)

A literatura é, portanto, entendida aqui, em termos gerais, como representação e criação de uma realidade realizada a partir de um trabalho especial com a linguagem, cujo sentido está além do aspecto textual e pode ser apreendido a partir da subjetividade, da vivência e da concepção de mundo de determinado tempo ou local. A literatura não se exaure no tempo, recria-se e é recriada no momento em que o leitor lhe atribui sentidos e interpretações.

1.5.- A literatura na aula de língua

Não será natural que a ciência da linguagem (e das linguagens) se interesse por aquilo que é incontestavelmente linguagem, a saber: o texto literário? (Roland Barthes)

Neste momento, abordaremos a pergunta principal desta pesquisa, como podemos usar a literatura na aula de língua? Quais os objetivos em se trabalhar com a literatura na aula de língua? Antes de abordar esta questão, faremos uma breve reconstituição da trajetória da literatura no contexto de ensino de língua estrangeira. Afinal, a literatura, já fez parte da aula de língua? Com qual objetivo? E o que a literatura representou na aula de língua estrangeira? Silva (1998) percorre essa trajetória e aborda a forma como o texto literário era visto a partir de três diferentes perspectivas que definiram a concepção de ensino de língua

ao longo do século passado, o modelo gramática-tradução; a visão estruturalista e a abordagem comunicativa.

No primeiro modelo, o texto literário era o principal objeto da aula de língua. O aluno era considerado proficiente em uma língua estrangeira no momento em que fosse capaz de traduzir uma grande obra literária. Além disso, esse texto era também um modelo do que o aluno deveria alcançar, um exemplo do ideal a ser aprendido. “Ler e traduzir formavam o objetivo maior de se ensinar uma língua seguindo os pressupostos desta abordagem, não havendo qualquer priorização da comunicação oral” (SILVA, 1998, p. 30). Nessa concepção, o texto literário “aparecia” na aula de língua, ou melhor, era a base da aula, mas não era explorado. O efeito seria o mesmo se utilizassem em lugar do texto literário um texto histórico, um tratado de medicina, um documento formal etc. Gonzáles (1990) destaca esse caráter ilustrativo do texto e a distância entre este e o estudante. “Hablabamos de él, pero raramente con él y mucho menos en él. Estaba vedado al estudiante el juego enunciativo (...) y una sola voz tenía derecho al habla” (GONZÁLES, 1990, p.117).

No modelo estruturalista, a aula de língua priorizava o estudo do vocabulário e dos modelos de estruturas que pudessem ser usadas para promover a comunicação oral. É a época dos famosos exercícios de repetição e de preenchimento de lacunas. Neste momento, busca-se uma abordagem mais viva da língua, porém ainda muito presa a modelos e normas fixas, como se o aprendizado de uma língua pudesse se dar a partir de um treino quase que braçal. O aluno não refletia sobre as questões nem vivenciava situações comunicativas, apenas decorava estruturas. Então, no método “the book is on the table” não havia espaço para o texto literário. Além disso, ele deveria ser superado, sendo “considerado parte do velho e tradicional método anterior” (SILVA, 1998, p. 30). Dessa forma, o texto literário é totalmente retirado da sala de aula, e, conforme aponta Gonzáles (1990), permanece como um objeto ao qual poucos poderiam ter acesso, pois poucos poderiam entendê-lo. “(...) em general no se le ha quitado nunca esse aire de objeto de contemplación, casi sagrado e intocable” (GONZÁLES, 1990, p.117).

Em seguida, com o início e desenvolvimento de uma abordagem mais comunicativa no contexto de ensino de língua estrangeira, é aberto espaço para uma maior variedade de materiais e muitos são incluídos na sala de aula, entre eles, o texto literário. Ele retorna, não mais como um monumento que o aluno deveria admirar, mas como mais um material que pode ser explorado na aula de língua. Neste momento, conforme Silva (1998),

A literatura passa a ser mais um recurso disponível para o professor e o aluno não apenas para tradução, mas para a vivência de formas diferentes de comunicação e

expressão na língua estudada, ou exercícios de várias naturezas (...). (SILVA, 1998, p.30)

Notamos, portanto, que a maneira de olhar para o texto literário e de se entender seu papel no ensino de língua sofreu muitas modificações, passando de extremos (“modelo” e “excluído”) a mais um material a ser utilizado. A partir da visão de uso de língua na perspectiva sociocultural aqui adotada, como o texto literário poderia contribuir no aprendizado?

Consideramos os textos literários como um material muito rico a ser explorado na aula de língua. De forma ampla, além do desenvolvimento da prática da leitura e do trabalho com essa habilidade, é possível abordar as demais habilidades: a habilidade oral, a partir de discussões sobre os textos lidos, nas quais o aluno pode expor sua interpretação, argumentar, opinar etc.; a habilidade da escrita, através de tarefas de produção textual baseados na leitura dos textos e a compreensão oral, através da utilização, por exemplo, de materiais de áudio (como poemas declamados, musicados, entre outros). A literatura pode contribuir para uma aproximação mais profunda entre o aluno e o universo da língua alvo, proporcionando o contato com questões culturais, diferentes visões sobre uma mesma realidade, formas de representação dessa realidade, diferentes registros e variados usos de recursos lingüísticos. Além disso, citamos também o desenvolvimento da capacidade de interpretação, de uma prática de leitura mais aprofundada, do trabalho com a imaginação e com a criatividade resultando em uma abordagem que contribui para a formação integral do estudante de língua estrangeira.

Para definir os objetivos de se trabalhar com literatura na aula de língua, partiremos da definição de Salvatore d’Onofrio (1995) sobre a *função* da literatura. D’Onofrio retoma a concepção de arte trazendo definições de Platão e Aristóteles e chega à definição horaciana, “que indica duas funções possíveis para a arte: *aut prodesse aut delectare*, quer dizer, a arte tem por finalidade o útil ou o agradável” (D’ONOFRIO, 1995, p. 22), definição da qual surgem duas visões sobre a função da literatura. Uma delas centra-se na questão do prazer estético/artístico e a outra considera que “a literatura possui uma finalidade pedagógica e educativa” (D’ONOFRIO, 1995, p.22). O autor, então, afirma que essas duas visões são, na verdade, complementares.

Por um lado, não é possível deliciar-se com a forma estética sem atender, consciente ou inconscientemente, ao seu conteúdo; por outro lado, preocupar-se apenas com a significação da obra literária, sem analisar-lhe a função artística, seria não considerar o objeto artístico como tal e, portanto, negar a especificidade de sua natureza. (D’ONOFRIO, 1995, p.23)

A partir dessa definição, d’Onofrio aborda a questão das funções da literatura tendo em vista sua *plurifuncionalidade*:

Além da função estética (arte da palavra e expressão do belo), uma obra literária pode possuir, concomitantemente, a função lúdica (provocar um prazer), a função cognitiva (forma de conhecimento de uma realidade objetiva ou psicológica), a função catártica (purificação de sentimentos) e a função pragmática (pregação de uma ideologia). (D’ONOFRIO, 1995, p.23)

Utilizaremos, portanto, a noção de *plurifuncionalidade* da obra literária como base para estabelecer os objetivos da utilização do texto literário na aula de língua estrangeira:

- Objetivo estético: proporcionar o prazer estético e catártico através da presença do aspecto artístico e lúdico do texto literário como parte integrante da aula de língua;
- Objetivo cognitivo: tornar possível, através da leitura, o contato com aspectos da realidade expressa no texto e da forma como essa realidade é representada.
- Objetivo pragmático¹: abordar questões culturais através da leitura, interpretação e discussão dos textos. Fazer com que seja possível visualizar aspectos práticos/sociais de determinada realidade ampliando o olhar sobre a língua e cultura alvo.
- Objetivo lingüístico: focalizar diretamente o aspecto lingüístico, observando a relação língua e contexto e como o uso dos recursos lingüísticos contribui para a atribuição de sentidos.

O primeiro objetivo, *proporcionar o prazer estético e catártico através da presença do artístico e do lúdico do texto literário*, relaciona-se diretamente com o *motivo* pelo qual lemos textos literários em nossas vidas. Assim como assistimos a uma peça de teatro, apreciamos um quadro, uma fotografia ou ouvimos uma música pelo prazer que aquilo nos causa, lemos textos literários. Consideramos, então, que a sensação de prazer – ou o simples entretenimento – deve fazer parte da aula de língua. Além disso, conforme afirma Gonzáles (1990),

Muy poco o casi nada se ha explotado la cuestión del placer de la lectura y sus dividendos para el aprendizaje de una lengua (...). Menos aún se ha explotado la faceta lúdica del texto literario y de su lectura, y sus posibilidades de trastocar la imaginaria y las ficciones de cada uno y ponerlas en marcha. (GONZÁLES, 1990, p.117)

¹ Não teremos aqui preocupação em trabalhar com questões ligadas unicamente à “pregação de uma ideologia”, conforme apontada pelo autor, mas sim de entendimento de diversos aspectos ligados à determinada realidade.

A autora atenta para essas questões citando Gianni Rodari (1990, p.116), que defende que a imaginação deva ocupar um lugar na educação, reservando-se um espaço para o trabalho imaginativo e o desenvolvimento da criatividade.

O próximo objetivo trazido, *tornar possível, através da leitura, o contato com aspectos da realidade expressa no texto e da forma como essa realidade é representada*, está ligado ao fato de que é possível representar uma mesma situação de diferentes formas. De acordo com Graciela Reyes, “El lenguaje literario (...) ‘representa no solo mundos posibles sino, también, lenguajes posibles’” (REYES apud Gonzáles, 1990, p.120). Então, se no texto literário estão representados esses aspectos, um dos objetivos da inserção da literatura na aula de língua seria discuti-los e interpretá-los, contrastando diferentes possíveis visões sobre um mesmo tema ou assunto comum da realidade.

Este ponto relaciona-se, de certa forma, com o que definimos como *objetivo pragmático*. Uma vez que entendemos que ensinar uma língua não é meramente ensinar o código lingüístico, mas envolve ensinar cultura, conforme explicitado no ponto 1.1, como vimos, através do texto literário podemos abordar diversas questões relativas à realidade e a aspectos culturais do contexto da língua alvo. Existe a realidade do texto que *imita* ou *representa* a realidade externa do texto, o que faz com que possamos visualizar questões de forma contextualizada. Gonzáles aborda a questão do ensino de cultura através da utilização do texto literário na aula de língua ao observar que

El diálogo que se entabla entre los códigos y convenciones literarias del texto leído y de la cultura a la que pertenece y aquellos del lector y de su cultura puede crear un juego de comparaciones y contrastes fundamental a la formación plena y autónoma del estudiante, también importante para aquella tarea específica de aprender otra lengua. (GONZÁLES, 1990, p.119)

A utilização do texto literário em aulas de língua estrangeira tem também como objetivo abordar o aspecto lingüístico. Tendo em vista a concepção de língua adotada, o próprio ato da leitura já se constitui numa ação mediada pela língua-alvo. Através da leitura de textos literários é possível trabalhar vocabulário, uso de expressões do dia a dia, gírias, ditados populares, etc. de forma contextualizada. Além disso, na literatura existem diversas possibilidades de interpretação que surgem a partir das diferentes concepções, histórias e perspectivas de quem lê. As diferentes questões culturais suscitam diferentes sentidos a partir do jogo de palavras, das ambiguidades, da “aparente” falta de sentido, entre outros aspectos que contribuem para o desenvolvimento da proficiência do aluno e para sua percepção sobre a relação estreita entre uso da língua e cultura.

Para finalizar essa sessão, citamos novamente Gonzáles, que traz a definição de linguagem poética de Eugenio Coseriu,

según la cual éste es la actualización de todas las posibilidades de funcionamiento del lenguaje. Retomando conceptos aristotélicos, Coseriu señala que la poesía (poiesis) es el lenguaje absoluto, previo a todos los usos posibles y particulares del lenguaje (...) y al mismo tiempo emplea todos los usos particulares y posibles. (GONZÁLES, 1990, p. 118)

Consideramos, portanto, que a utilização do texto literário na aula de língua possibilita que se tenha uma visão ampla sobre diversas questões consideradas essenciais no aprendizado de língua, além de proporcionar um contato com diversas *possibilidades de funcionamento da linguagem*. Uma vez que o texto literário está ligado à realidade da qual me aproximo, sua utilização faz com que se tenha um olhar mais aprofundado dessa realidade. Isso se dá através da leitura, do prazer da leitura, do desenvolvimento da imaginação, do contato com questões culturais e de uso da outra língua.

Como consideramos aqui que o aprendizado de uma língua se dá a partir de uma mudança de perspectiva, “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro” (REVUZ, 1998, p. 227), afirmamos que a utilização do texto literário contribui para esse movimento. A literatura propicia esse *deslocar-se* que faz parte do aprendizado de uma língua estrangeira.

- As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo. – Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, eu já a tenha perdido pouco a pouco. (CALVINO, 1990, p.82)

2. O CURSO DE CONTOS E CRÔNICAS

Conforme apresentado no capítulo anterior, a literatura é um importante recurso a ser explorado no momento em que se vê o uso da língua como uma prática social e se busca um ensino de língua vinculado à reflexão acerca de diferenças e contrastes de aspectos culturais. A partir dessa concepção teórica, será apresentado o curso de Contos e Crônicas, planejado e ministrado por mim no Programa de Português para Estrangeiros do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Partirei da minha experiência como professora do curso, apresentando a proposta de trabalho e, na sessão seguinte, analisarei algumas atividades desenvolvidas com os alunos. Meu envolvimento com o Programa de Português para Estrangeiros (PPE-UFRGS) teve início quando comecei a frequentar o Seminário de Formação de Professores, oferecido pelo PPE-UFRGS, do qual participei por seis meses (agosto a dezembro de 2005). Tendo sido contatada para ministrar curso de verão para um grupo de estrangeiros, me propus a trabalhar com o curso de Contos e Crônicas que seria oferecido pela primeira vez no programa².

O primeiro curso foi realizado durante os meses de férias (Dezembro e Janeiro) totalizando 20 horas/aula. Foram organizadas duas turmas de Contos e Crônicas formadas por estudantes chineses e coreanos de nível Básico II e Intermediário I³. Para a realização deste curso, troquei muitas idéias com a professora Cristina Uflacker, que era responsável pelas turmas junto comigo. As atividades foram elaboradas por nós e ajustadas de acordo com as necessidades de cada uma das turmas. A discussão sobre a escolha dos textos, a proposta das tarefas, bem como a formulação e reformulação de atividades realizadas com a professora Cristina foram apoios muito importantes no início deste trabalho. Essa primeira experiência serviu de base para o segundo curso (aqui apresentado), que foi ministrado para alunos de nível Intermediário I no primeiro semestre de 2006 no PPE-UFRGS com duração de 60 horas/aula (4 horas semanais).

² O PPE-UFRGS já oferecia a disciplina “Tópicos de Literatura”, cujo foco é a leitura e discussão de textos literários em geral vinculados a uma oficina de texto literário. A proposta para criação do curso de Contos e Crônicas era focalizar textos mais curtos com atividades específicas relacionando textos literários, cultura e uso da língua portuguesa.

³ Conforme o nivelamento realizado no próprio PPE-UFRGS ao recepcionar os estudantes.

2.1- Objetivos do curso

O curso de Contos e Crônicas surgiu a partir do objetivo de desenvolver a habilidade da leitura para alunos de nível intermediário, possibilitando o contato com textos de autores modernos e contemporâneos da literatura brasileira e propiciando uma discussão sobre a forma como os temas e aspectos da realidade são vistos e representados nos textos. A formulação dos objetivos desse curso leva em consideração o contexto no qual ele foi desenvolvido (Português para Estrangeiros) e o objetivo de inserir-se a literatura no ensino de língua estrangeira apresentado na sessão 1.5 deste trabalho.

Dessa forma, consideramos como objetivos do curso:

- Propiciar o contato e estudo de autores brasileiros modernos e contemporâneos;
- Propor uma reflexão sobre o que caracteriza um texto como literário;
- Contextualizar historicamente as obras trabalhadas;
- Propiciar o contato com aspectos da cultura brasileira;
- Propor uma reflexão sobre contrastes/diferenças culturais relacionando a situação apresentada no texto com a realidade dos alunos;
 - Aprimorar a habilidade da leitura;
 - Expor o aluno à linguagem literária visando o desenvolvimento da capacidade de compreensão e interpretações variadas;
 - Promover o uso da língua portuguesa através da discussão sobre os temas dos textos e de atividades de produção textual;
 - Trabalhar o vocabulário e a linguagem do texto observando aspectos como ambiguidade, jogo de palavras, ironia, humor, metáfora, entre outros.
 - Promover espaço para o subjetivo, para a imaginação e para o lúdico no momento da leitura e discussão;

Com base nos objetivos acima, elaborou-se o programa do curso, apresentado a seguir.

PPE-UFRGS

CURSO DE CONTOS E CRÔNICAS

Súmula

O curso consiste em leitura e discussão de contos e crônicas de autores modernos e contemporâneos da literatura brasileira. Através da análise dos textos, busca-se uma reflexão sobre aspectos da cultura brasileira; discussão sobre a forma como temas da realidade são representados e uma comparação dessa realidade com a cultura do aluno. Identificação e análise de aspectos relevantes do texto literário como caracterização dos personagens; posição do narrador; contexto criado na história; tipo de linguagem utilizada e observação dos elementos a partir dos quais se desenvolve a ação (personagem, acontecimentos, espaço, entre outros). Aperfeiçoamento da língua portuguesa através da leitura e escrita. Análise do uso da língua no texto e do papel dos recursos lingüísticos para a atribuição de sentidos e do tom do texto. Desenvolvimento da habilidade oral através da exposição de opiniões, interpretação e argumentação.

Metodologia

O material do curso consiste em textos de escritores brasileiros selecionados pelo professor e sugeridos pelos alunos. As atividades incluem leitura, discussão do texto focalizando os aspectos apresentados na súmula e produção textual. É solicitada ao aluno a leitura prévia dos textos selecionados.

Avaliação

O aluno será avaliado através da participação nas atividades em sala de aula. A leitura e a produção oral serão avaliadas de forma integrada através de atividades como discussão, exposições orais, debates e produções textuais. Será considerado aprovado o aluno com frequência mínima de 80% que tiver aproveitamento mínimo de 70% (conceito C) no curso.

2.2- Os alunos

A turma era formada por 16 estudantes chineses e 1 estudante da Colômbia. A maioria dos alunos chineses vieram ao Brasil através de um convênio entre a sua universidade e a UFRGS. Ao ingressarem no curso, os alunos dessa disciplina já estavam no Brasil há 6

meses com o objetivo principal de aperfeiçoar a língua portuguesa. Além dessa disciplina, os alunos chineses tinham também 6 horas/aula semanais de Intermediário I ou II; Cultura Brasileira (4 horas/aula semanais) e Compreensão (4 horas/aula semanais). O aluno colombiano estava no Brasil há aproximadamente um ano e estava interessado em ter aulas de português, pois pretendia fazer seleção de Mestrado no Brasil. Este aluno fazia apenas o curso de Contos e Crônicas.

Os alunos chineses apresentavam um nível intermediário de proficiência em língua portuguesa e o aluno colombiano, um nível avançado. O curso de Contos e Crônicas era parte da carga horária obrigatória dos alunos chineses, o aluno colombiano optou por esse curso, conforme relatado, devido ao seu interesse em conhecer autores da literatura brasileira e aperfeiçoar sua habilidade de leitura. Em uma discussão no início do curso, afirmaram seu interesse em entrar em contato com textos de escritores brasileiros, pois não conheciam a literatura do Brasil.

Os alunos eram, em geral, bastante receptivos, participavam das discussões, demonstravam interesse pelos textos e questionavam bastante. Principalmente em relação aos estudantes chineses, pude perceber certa resistência inicial à questão das diversas possibilidades de interpretação e também um estranhamento sobre *o porquê* dos acontecimentos em alguns textos lidos. Nesses momentos, eu procurava devolver a questão aos alunos no intuito de incentivar a discussão; trazer elementos já citados ou opiniões dos colegas para explicar a pergunta, solicitando que alguém sugerisse uma possível interpretação ou chamar a atenção para pontos importantes no texto que pudessem ajudar na discussão/interpretação, para que, juntos, os alunos pudessem qualificar a sua leitura.

Dependendo do grau de dificuldade dos textos, os alunos tinham problemas com o vocabulário. A turma, em geral, tinha muita preocupação em procurar todos os termos no dicionário – mesmo antes de proceder a uma leitura para depreender o sentido do texto, o que era a orientação. Muitas vezes, portanto, os alunos conheciam as palavras, mas achavam que não faziam sentido no contexto em que estavam; ou ainda, desconheciam as palavras e, então, interpretavam-nas a partir da definição encontrada no dicionário, o que também não garantia um entendimento. Ao longo das aulas e a partir das discussões, os alunos começaram a procurar outras formas de *ler* os termos desconhecidos e atribuir-lhes sentidos. Foi muito interessante notar esse aperfeiçoamento dos alunos na forma de olhar para o texto e observar a forma como buscavam caminhos para interpretar uma história que, às vezes, na primeira leitura, parecia-lhes sem sentido ou difícil de entender.

Para conhecer os hábitos de leitura dos alunos, na primeira aula conversamos sobre os tópicos abaixo:

1. Você gosta de ler? Que tipos de textos você prefere?
2. Você costuma ler bastante?
3. Você costuma ler textos da Literatura do seu país? De que tipo? (romances, novelas, contos, poesia).
4. Você conhece ou já leu escritores de outros países? Se a sua resposta for “sim”, poderia citar alguns?
5. Você já conhecia escritores brasileiros antes de estudar no Brasil? Quais?

Todos os alunos declararam que gostavam muito de ler. Alguns disseram preferir a leitura de jornais, revistas e outros textos informativos; muitos alunos responderam que tinham preferência pela leitura de contos, novelas e histórias curtas. Dois alunos relataram que preferiam ler histórias simples e engraçadas. Uma aluna disse que preferia ler em sua língua materna e só lia em português quando solicitado em aula e uma aluna disse ter muito interesse em textos que falam sobre a realidade dos brasileiros.

Sobre a segunda questão, a maioria dos alunos respondeu que lia bastante. Todos relataram que costumavam ler obras da literatura do país de origem. A maioria demonstrou ter preferência por novelas e contos. Alguns disseram preferir romances, obras tradicionais e literatura moderna. Uma aluna disse que gostava de diversos tipos de texto, exceto poesia. Os alunos demonstraram ter conhecimento sobre grandes clássicos da literatura mundial, especialmente a inglesa, pois citaram autores como Dickens, Hemingway, Jane Austin, Charlotte Brönte, Victor Hugo, Dumas. Alguns alunos apenas disseram que já tinham lido obras famosas, sem citar nomes de autores.

Perguntados sobre seu conhecimento a respeito da literatura brasileira, a maioria dos alunos respondeu que não conhecia nenhum escritor brasileiro. Dois alunos disseram que já conheciam Luis Fernando Veríssimo – lido em outros cursos – e Paulo Coelho, que foi publicado em chinês. A discussão dessas questões no início do curso foi importante para conhecer melhor os alunos e o que já conheciam e, assim, poder planejar as atividades.

2.3- Planejamento e aplicação das atividades

2.3.1- Critérios para a escolha dos textos

Adotaremos aqui uma definição de conto e crônica bastante ampla. Uma consideração que se aplica aos dois tipos de textos trabalhados é quanto à extensão dos mesmos: tanto o conto quanto a crônica caracterizam-se por serem textos narrativos curtos. Salvatore

D'Onofrio (1995, p.121) retoma a denominação da língua inglesa quando define conto, dizendo que “com muita propriedade a língua inglesa denomina o conto como *short story*” (história curta). Ainda se valendo da denominação do gênero, o mesmo autor parte no nome *crônica* (do latim *Krónos*) para defini-la como “registro de acontecimentos num tempo e espaço determinados” (p.123). Portanto, entenderemos *crônica* como um tipo de história curta que tem uma ligação mais direta com algum fato ocorrido ou que faz uma relação a um acontecimento específico que, em oposição à crônica científica, é considerada crônica literária:

(...) produzida por poetas e cronistas que, embora possam apoiar-se em fatos acontecidos, transformam a realidade do dia a dia pela força criadora da fantasia. Daí decorre que suas crônicas são ou poemas em prosa ou pequenos contos (...). De um modo geral, a crônica pode ser considerada como a mais curta forma de narrativa literária. (D'ONOFRIO, 1995, p.123)

Não faremos distinção aqui entre tipos de conto (popular, erudito, fantástico, entre outros). Citamos, apenas, que o trabalho neste curso foi embasado em contos e crônicas considerados *literários* (de acordo com o que entendemos por *literatura*, exposto na sessão 1.4). O conto está para o romance assim como a fotografia está para o cinema (PAVANI, 2003, p.40). Além disso, pode ser classificado, conforme Bosi (2002), como um gênero muito representativo da atualidade:

(...) o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo. Repito a palavra-chave: situações. Se o romance é um trançado de eventos, o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação, real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra. (BOSI, 2002, p. 8)

Por fim, adicionamos a essa definição, a imagem trazida pelo mesmo autor, que compara o contista ao pescador: “em face da História, rio sem fim que vai arrastando tudo e todos no seu curso, o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação”. (BOSI, 2002, p.9)

A partir do exposto, a seleção de textos foi baseada, principalmente em três critérios: subjetivo, temático e lingüístico. O primeiro critério relaciona-se com a minha apreciação pessoal dos textos: escolhi textos que eu gostava e textos que li durante a realização do curso e que julguei que fossem despertar o interesse dos alunos. Tive a preocupação de selecionar contos ou crônicas que dessem margem para diferentes interpretações para que isso enriquecesse as discussões e a troca de informações sobre o texto. O critério temático fez com que eu selecionasse contos de temas variados com o intuito de abordar em sala de aula diferentes aspectos da cultura brasileira. O critério lingüístico diz respeito ao fato de terem

sido escolhidos escritores de estilos diferentes, que representassem talvez um mesmo tema através de formas e linguagem bastante distintas (como, por exemplo, o tema *família* em um conto de Clarice Lispector e em uma crônica de Nelson Rodrigues). A partir desse terceiro critério, buscou-se disponibilizar uma maior variedade linguística ao aluno e proceder à análise dessa linguagem.

2.3.2- Critérios para a criação das atividades

A criação das atividades foi baseada, principalmente, em dois critérios: primeiro, a importância de analisarem-se determinados elementos presentes no texto literário, como as personagens, a maneira como são caracterizadas, o narrador, a forma como ele se posiciona, o significado do que é trazido no enredo do conto e como isso é representado. Segundo, as atividades foram criadas de forma a atender o que foi estabelecido como objetivos desse curso. Portanto, procurou-se elaborar atividades que incentivassem a discussão e a troca de idéias; que requisitassem a interpretação pessoal do aluno para serem realizadas, sem que o professor mostrasse a sua interpretação antes ou guiasse a leitura; que relacionassem o conto ou crônica lidos com a história/cultura dos alunos permitindo uma avaliação sobre a forma como se representa a realidade em diferentes culturas; que solicitassem uma reflexão sobre aspectos da cultura brasileira e que fizessem com que os alunos analisassem diferentes formas linguísticas.

2.3.3- As aulas

O curso tinha uma carga de leitura de um ou dois contos semanais. Os alunos liam os contos durante a semana e na aula era realizada apenas a discussão, não havia um tempo destinado para a leitura em aula. Era bastante enfatizada a importância da leitura prévia, uma vez que se tornava impossível participar da aula sem ter lido o texto.

Geralmente iniciávamos a discussão a partir de um comentário bastante informal, no momento inicial da aula, no qual os alunos expunham a sua apreciação sobre o conto ou crônica a ser discutido. Um fato que ocorreu muitas vezes foi neste momento o aluno declarar que não conseguiu entender muito bem o texto e por isso não tinha uma opinião sobre o mesmo. Isso fazia com que fosse necessário reformular as tarefas ou propor uma atividade para que todos pudessem entender o texto antes de iniciarmos a discussão. Em seguida, solicitava uma nova leitura em sala de aula focalizando algum ponto que seria

importante para a interpretação, por exemplo, a análise de algum personagem, a situação/ relação entre os personagens, o contexto da história, a relação da história com o título, entre outros. Após a discussão da tarefa, era realizada a atividade de vocabulário, na qual, em duplas, os alunos inferiam expressões do texto a partir do contexto. Depois, procedíamos à discussão do texto a partir de perguntas aos alunos. Na maioria das vezes eles discutiam em pequenos grupos ou duplas e, em seguida, trocavam idéias no grande grupo. Algumas vezes, cada grupo responsabilizava-se por um aspecto e depois, no momento da discussão, trocavam informações e respondiam aos questionamentos dos demais grupos. Por fim, discutia-se a relação da história lida com a experiência pessoal e a cultura dos alunos, com outro texto, com alguma música ou solicitava-se aos alunos para que, individualmente, escrevessem algo sobre o texto; ou, ainda, retomavam-se questões ou temas abordados na discussão inicial com o objetivo de rever as idéias iniciais após a realização da análise.

Os contos foram trabalhados em um ou dois encontros (exceto dois deles, cujos autores eram Clarice Lispector e Guimarães Rosa, que ocuparam três encontros), dependendo das tarefas elaboradas, do grau de dificuldade e do interesse dos alunos. Principalmente em relação a este último ponto, algumas tarefas tiveram de ser reelaboradas, pois a forma como haviam sido pensadas não despertaram o interesse dos alunos. Isso ocorreu algumas vezes, devido à dificuldade que os alunos tiveram na leitura. Nesses casos, a partir das dúvidas dos alunos, eram propostas tarefas mais direcionadas ao entendimento da história em si⁴.

Foram realizadas, também, atividades de produção textual baseadas em alguns dos textos. Como exemplos de tarefas de produção solicitadas, podemos citar *inventar um final para a história* (neste caso os alunos recebiam o texto sem o final original); *escrever mais um parágrafo para a história*, explicando um fato deixado em aberto ou dando continuidade à história; *reescrever a história a partir da perspectiva de outro personagem*. Essas atividades tinham como principal objetivo trabalhar a criatividade do aluno e propiciar àqueles que não participavam muito em aula a oportunidade de expor suas idéias.

O planejamento das aulas, ao longo do curso, levou em consideração as opiniões e sugestões dos alunos e cada aula era elaborada a partir das aulas anteriores, utilizando-se e aperfeiçoando-se os tipos de atividades que funcionavam melhor, com o objetivo de gerar discussões produtivas. Alguns textos foram trabalhados por sugestão dos próprios alunos,

⁴ Houve também um episódio em que a metade do grupo não teve acesso ao texto antes da aula. A atividade que propus foi de esta metade ler o texto em aula, destacando as dúvidas em relação ao vocabulário para perguntar aos que haviam lido, enquanto estes elaboravam questões sobre o texto. A atividade funcionou bem e essa reelaboração permitiu que os alunos que não puderam ler participassem da aula como os outros.

como alguns contos de Luís Fernando Veríssimo. A elaboração das atividades do curso de Contos e Crônicas significou um momento de aprendizado, de troca e de diálogo.

2.3.4- Avaliação do curso

Para realizar a avaliação do curso, os alunos receberam um questionário⁵ que, de forma bastante objetiva, pedia a opinião dos alunos sobre as leituras selecionadas, organização do curso, dinâmica de trabalho e atividades propostas. Em seguida, o aluno deveria numerar as atividades que lhes despertaram mais interesse, o que acharam mais difícil e como avaliaram a utilização da literatura em aulas de Português.

Como podemos ver na tabela abaixo, o grau de satisfação dos alunos em relação aos textos selecionados e a visão geral sobre as atividades propostas (primeiros 10 itens da avaliação) receberam respostas que oscilaram entre 5 e 3 (onde 5 era a pontuação mais positiva e 1 a mais negativa), o que demonstra uma opinião bastante positiva sobre o curso.

Tabela 1: Avaliação das leituras e atividades propostas no curso⁶.

NOTA PERGUNTA	5	4	3	2	1	não respondeu
1	4	6	6	-	-	-
2	7	6	3	-	-	-
3	2	13	1	-	-	-
4	-	3	13	-	-	-
5	5	8	3	-	-	-
6	6	4	6	-	-	-
7	3	8	3	2	-	-
8	5	11	-	-	-	-
9	6	7	2	-	-	1
10	4	10				2

* Responderam o questionário 16 dos 17 alunos matriculados.

⁵ Anexo 1

⁶ Os números preenchidos na tabela correspondem ao número de alunos que atribuíram cada nota a cada pergunta. Na primeira pergunta, sobre as leituras selecionadas, 4 alunos atribuíram nota 5, 6 alunos nota 4 e 6 alunos nota 3.

As respostas relativas às leituras (os alunos deveriam escolher 3 textos que acharam mais interessantes) foram bastante variadas: quase todos os textos foram citados entre os mais interessantes por diferentes alunos. Os textos mais destacados foram *A função da arte e Sexá* (3 alunos); *Grande Edgar* (4 alunos); *A coroa de orquídeas* e *Uma história de borboletas* (5 alunos). Quase todos os alunos atribuíram 5 ou 4 para os textos na lista de leituras trabalhadas, o que demonstra uma boa recepção.

Em relação ao próximo ponto, os aspectos considerados mais importantes na aula de contos e crônicas foram enumerados conforme exposto abaixo:

- 1º - Discutir aspectos da cultura brasileira;
- 2º - Entender a história e ampliar o vocabulário;
- 3º - Conhecer escritores brasileiros e aprimorar a habilidade da leitura.

Entre os aspectos considerados mais difíceis para os alunos, 14 destacaram a leitura de texto literário e o entendimento do vocabulário. Por outro lado, consideraram fácil expor a sua opinião e participar em aula. Quanto à opinião dos alunos sobre o trabalho com textos literários, as opções mais destacadas foram a primeira (gosto de literatura e acho que as aulas foram produtivas) – selecionada por 7 alunos – e a terceira (acho que as aulas foram interessantes) – por 6 alunos. Os comentários e opiniões foram também variados. Um aluno declarou que gostaria de saber mais sobre a vida e obra dos escritores; um aluno demonstrou interesse em ler textos de temas mais variados depois de comentar que a maioria dos textos lidos falava sobre amor; um aluno disse que achou positivo o fato de que as atividades faziam as pessoas participarem da aula; alguns alunos disseram que as leituras eram difíceis e um aluno sugeriu que a aula deveria ser uma vez por semana, para que tivessem mais tempo de ler os contos. Como já mencionamos, a maioria dos alunos fez comentários positivos sobre o curso citando a possibilidade de aprender mais sobre o Brasil através dos textos, a oportunidade de conhecer autores brasileiros e ampliar o vocabulário conforme algumas opiniões que seguem⁷:

A aula de conto e crônica nos ajuda a conhecer muitos textos literários e os autor famosos do Brasil. Gosto muito da aula porque acho que os textos são interessantes e fazem me conhecer muito sobre história e hábitos brasileiros.

Por causa das aulas, conheço os escritores brasileiros. E os textos são legais. E ampliar o vocabulário é muito importante para nós. ler o texto é um jeito tri bom.

(...) mas adoro esse curso porque posso conhecer a literatura, cultura e os pensamentos.

⁷ Os comentários dos alunos estão no anexo 2. Os alunos não precisaram se identificar nessa avaliação.

Com base em minha avaliação das atividades desenvolvidas, da aprendizagem dos alunos e da avaliação feita pelos próprios alunos em relação ao curso, consideramos que os objetivos foram cumpridos. A utilização do texto literário propiciou uma forma de conhecer a cultura e realidade brasileira, melhorar a habilidade da leitura, ampliar o vocabulário dos alunos e sensibilizá-los em relação à literatura brasileira. No capítulo a seguir, no intuito de ilustrar como unir língua, cultura e literatura em atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, apresento mais detalhadamente algumas tarefas que desenvolvi para o curso.

3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO CURSO – ANÁLISE

Com o objetivo de ilustrar como a relação língua/cultura/literatura pode ser colocada em prática através de tarefas com base em textos literários, apresento, neste capítulo, três atividades desenvolvidas para o curso de Contos e Crônicas.

Antes de proceder à discussão das atividades, apresentamos, na tabela que segue, o cronograma de atividades que foi construído e aplicado ao longo do curso com os objetivos específicos de cada atividade. Dessa forma, é possível que se tenha uma visão ampla sobre a forma como foi desenvolvido o trabalho.

Tabela 2: Curso de Contos e Crônicas – textos e objetivos

ATIVIDADE	TÍTULO	AUTOR	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
1	A incapacidade de ser verdadeiro.	Carlos Drummond de Andrade	Apresentar a proposta de trabalho; Abordar o que se entende por <i>literário</i> ; Destacar os aspectos que serão trabalhados ao longo do curso.
2	Duas Canções	Moacyr Scliar	Interpretar o texto enfatizando a caracterização do espaço e da personagem; Discutir o comportamento da personagem; Relacionar o texto com a música “No rancho fundo” focalizando a interpretação de ambos;
3	A mal entendida	Luís Fernando Veríssimo	Analisar a forma como o autor descreve sua cidade; Relacionar a experiência no texto (olhar para a sua cidade) com a experiência dos alunos: como eles descreveriam suas cidades olhando-as “de fora”. Analisar a linguagem do texto;
4	A função da arte	Eduardo Galeano	Dar continuidade à discussão sobre a caracterização do texto literário; Discutir o que os alunos entendem por arte;
5	Feliz aniversário	Clarice Lispector	Discutir a caracterização das personagens e a relação familiar expressa no texto; Identificar a posição do narrador; Comentar os temas focalizados nesse conto e comparar com a forma como seriam vistos na realidade dos alunos;
6	Grande Edgar	Luís Fernando Veríssimo	Discutir aspectos do comportamento do brasileiro e comparar com a realidade dos alunos; Identificar a perspectiva através da qual a história é contada;
7	O gordo e o magro	Fernando Sabino	Retomar a discussão sobre comportamento do brasileiro e discutir sobre padrões de beleza;
8	Desenredo	Guimarães Rosa	Analisar a caracterização dos personagens; Discutir sobre o narrador do texto; Analisar a linguagem do texto e os diferentes sentidos expressos;
9	A virgem sonhava no jardim	Nelson Rodrigues	Identificar e discutir os temas abordados pelo autor e relacioná-los com a realidade dos

			alunos;
10	Vivendo e...	Luís Fernando Veríssimo	Comentar o universo infantil descrito pelo autor e comparar as brincadeiras de infância descritas com as brincadeiras de infância dos alunos; Analisar o posicionamento do narrador;
11	Uma história de borboletas	Caio Fernando Abreu	Analisar a caracterização das personagens; Discutir os temas abordados nesse conto; Comparar a forma como é vista a questão da loucura e da homossexualidade no texto e na cultura dos alunos;
12	Entre nós	Rodrigo Lacerda	Discutir a situação exposta pelo narrador e as atitudes das personagens; Interpretar expressões/ metáforas do texto;
13	Pertinácia	Diego Grando	Analisar a caracterização da personagem Gregório e discutir a relação dele com a família; Comentar o final do conto; Relacionar o texto com <i>A Metamorfose</i> , de Kafka;
14	Sol de tarde sol	Diego Grando	Analisar a linguagem do conto e as imagens construídas através das metáforas; Analisar a personagem principal e o enredo do conto;
15	A coroa de orquídeas	Nelson Rodrigues	Interpretar expressões da fala em português; Atentar para o humor negro presente em alguns textos de Nelson Rodrigues; Definir a personagem feminina baseado em suas atitudes;
16	Colheita	Nélida Piñon	Interpretar o texto observando como são caracterizados os personagens e suas atitudes; Identificar e discutir os temas abordados nesse conto; Relacionar o texto com a música <i>Adeus você</i> do grupo Los Hermanos e comparar as situações descritas
17	Sexa; Papos	Luís Fernando Veríssimo	Analisar o tema da conversa entre os personagens; Discutir questões sobre a fala do brasileiro; Discutir o que é <i>falar certo</i> e <i>falar errado</i> para os alunos;
18	O outro marido	Carlos Drummond de Andrade	Escrever um final para a história; Analisar como se caracteriza a relação entre os personagens; Avaliar a atitude do personagem Santos;
19	Dona Custódia	Fernando Sabino	Identificar e discutir temas da realidade expressos no texto;
20	Sapato Florido, excertos	Mário Quintana	Interpretar os textos; Interpretar a linguagem poética presente no texto e os possíveis sentidos por ela expressos;
21	Um certo capitão Rodrigo, excertos	Érico Veríssimo	Observar a caracterização dos personagens e como é representado o gaúcho através das figuras de Rodrigo Cambará e Juvenal Terra.
22	Poesia: O elefante	Carlos Drummond de Andrade	Observar a descrição do elefante e propor uma interpretação sobre o que ele representa; Relacionar o assunto do poema sobre as discussões ao longo do curso sobre literatura.

Como podemos ver na tabela 2, os objetivos do curso foram trabalhados ao longo do semestre em textos diversos, isto é, diferentes objetivos foram focalizados em textos que criavam maior oportunidade para seu desenvolvimento. Além dos objetivos específicos, os aspectos culturais e lingüísticos eram abordados em todas as aulas. Para ilustrar esse trabalho, selecionamos as atividades 1, 6 e 8 para serem aqui discutidas. A atividade 1 foi selecionada pois o objetivo principal dessa atividade é mostrar ao aluno a proposta de trabalho do curso. A atividade 7 mostra uma proposta de produção textual após o trabalho com o texto. Além disso, o autor do texto, Luís Fernando Veríssimo, foi considerado um dos preferidos dos alunos orientais, sendo que os textos da atividade 25 (*Sexa e Papos*) foram sugeridos por duas alunas. Por último, mostraremos também o trabalho realizado a partir de um conto de Guimarães Rosa que, embora tenha sido considerado pelos alunos como um dos textos mais difíceis, resultou em uma das aulas mais produtivas do curso.

Apresentaremos, primeiramente, o planejamento da atividade com as tarefas listadas e o texto utilizado seguidos de uma breve análise das atividades propostas. Ao final do capítulo, apresentaremos uma reflexão sobre o desenvolvimento das atividades no intuito de avaliar se elas proporcionaram o desenvolvimento dos objetivos pretendidos no curso.

3.1- Atividade 1

Texto: *A incapacidade de ser verdadeiro*⁸, Carlos Drummond de Andrade.

Objetivos gerais: Apresentação do trabalho; conversa sobre leitura e literatura, o que entendemos por texto literário e não-literário.

Planejamento:

I. Conversa inicial

a) Expor aos alunos que o objetivo do curso é trabalhar com dois tipos de texto narrativo (Contos e Crônicas) e que serão utilizados textos considerados LITERÁRIOS.

b) Pergunta para iniciar a discussão: O que encontramos nesses textos chamados “literários”?

c) Solicitar que os alunos leiam os trechos⁹ a seguir e comentem com o grupo aspectos que chamam sua atenção.

“E saiu para a rua, pequenino por dentro, angustiado, achando a condição humana uma droga. As pessoas da casa não quiseram se aproximar do cadáver. Coube à

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond. *O sorvete e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1994 (p.5)

⁹ Trechos escolhidos: *Caso de canário*, Carlos Drummond de Andrade; *A cartomante*, Machado de Assis; *Aqueles dois*, Caio Fernando Abreu; *Perto do coração selvagem*, Clarice Lispector; *A menina de lá*, João Guimarães Rosa.

cozinheira recolher a gaiola, para que sua vista não despertasse saudade e remorso em ninguém.”

“Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.”

“Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens do céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali tinham a nítida impressão de que seriam infelizes para sempre. E foram.”

“E sempre no pingo de tempo que vinha nada acontecia se ela continuava a esperar o que ia acontecer, compreende? Afastou o pensamento difícil distraíndo-se com um movimento do pé descalço (...)”

“Sua casa ficava para trás da serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado temor-de-Deus. (...) E ela, menininha, por nome Maria, Nhinhinha nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes.”

d) Discutir o “texto literário” a partir da leitura dos excertos. Neste momento, a conversa será baseada, principalmente, nas idéias trazidas pelos alunos.

e) Em seguida, caso os alunos não tenham abordado estes pontos, chamar atenção para os seguintes aspectos a partir dos excertos lidos: história, enredo, acontecimentos; narrador; personagens; espaço, tempo, ação;

f) Após discutir essas questões, expor aos alunos que esses são alguns dos pontos principais que observaremos nos textos lidos.

g) Abordar a questão do *como* contar. Neste momento, será discutida a questão da forma do texto literário (forma estética, significados, arranjo de linguagem). Discutir, também, questões sobre a verdade/verossimilhança do texto. Tendo-se em vista este último ponto, sugerimos a tarefa seguinte: a próxima atividade será proposta.

II. Forma do texto literário; linguagem; verdade/verossimilhança

Solicitar que os alunos comparem e discutam as questões propostas após a leitura dos textos

Texto A:

Poema tirado de uma notícia de jornal
(Manuel Bandeira)

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da babilônia num
[barracão sem número]

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Texto B:

O Corpo de Bombeiros registrou, ontem pela manhã, a décima segunda morte por afogamento no litoral do estado durante este verão. Rafael Rosa, de 14 anos, afogou-se no Balneário Solimar, em Matinhos, quando brincava no mar, na companhia de mais duas crianças. Os guarda-vidas conseguiram salvar as duas, mas Rafael não resistiu e morreu no hospital. Morador de Almirante Tamandaré, o menino foi a primeira vítima do mar neste carnaval.

<http://canais.ondarpc.com.br/noticias/control/impresao.phtml?id=540877>

a) Qual o tema destes textos?

- b) Que diferenças há entre eles?
- c) Qual deles você classificaria como literário? Por quê?

III. Relação entre a discussão realizada e a realidade dos alunos. Pontos a serem abordados:

- Você gosta de literatura?
- Que tipos de textos você mais gosta?
- Quem são os grandes escritores no seu país? Que tipos de histórias eles escrevem?
- Que tipo de textos você gostaria de ler neste curso?

IV. Conto: *A incapacidade de ser verdadeiro*, Carlos Drummond de Andrade.

Tarefas:

- a) Você vai ler um conto cujo título é *A incapacidade de ser verdadeiro*. Sobre o que poderia ser a história?
- b) Leia o texto e discuta com seu colega:
 - Como é a personagem principal?
 - Como eram as histórias contadas pelo menino?
 - Por que ele fica de castigo?
 - Por que a mãe decide levá-lo ao médico?
 - O que você acha do diagnóstico do médico? Por que ele descreve a “doença” como “caso de poesia”?
- c) Relacione o título do conto com o tema do mesmo. Tome como base a discussão realizada no início da aula (fazer individualmente para entregar).

Texto atividade 1:

A incapacidade de ser verdadeiro

Carlos Drummond de Andrade

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

- Não há nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

(In: ANDRADE, Carlos Drummond. *O sorvete e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1994).

A primeira parte da discussão tem como objetivo principal explicitar para os alunos o tipo de textos que utilizaremos no curso. No entanto, para que a aula não seja centrada no professor, os trechos são distribuídos para os alunos e a discussão é desenvolvida a partir das considerações deles.

Após esse primeiro momento e após listar as idéias trazidas pelos alunos no quadro, o professor aborda os itens listados em seguida e, partindo das considerações iniciais dos alunos e dos excertos, propõe uma análise de como aparecem esses elementos nos trechos trabalhados. O objetivo nesse momento é chamar atenção do aluno para os pontos que são considerados fundamentais na análise de textos literários.

Os textos A e B têm como objetivo promover a discussão sobre a forma, a linguagem e a *verdade* do texto literário. O objetivo aqui é discutir algumas questões teóricas discutir algumas questões teóricas sem utilizar metalinguagem, procurando fazer com que o aluno tire suas próprias conclusões e questionando-o para incentivar a reflexão. Acreditamos que as três perguntas propostas após a leitura dos textos garantem que essas três questões (forma, linguagem e verdade) sejam abordadas. Em seguida, a tarefa III tem a finalidade de trazer a discussão realizada para o universo do aluno e levantar as suas expectativas quanto ao curso.

O passo seguinte da aula tem por objetivo propor a primeira leitura. Conforme explicado anteriormente, é solicitada ao aluno a leitura prévia dos textos. Porém, na primeira aula isso não é possível. Utilizamos, portanto, um texto curto para que os alunos tivessem condições de ler rapidamente. A crônica selecionada, além de cumprir esse critério, foi considerada muito adequada para abordar outra questão importante quando trabalhamos com literatura: a imaginação, a criatividade e o efeito *catártico*.

Propõe-se que os alunos trabalhem em grupos, pois dessa forma há a oportunidade de discutir, trocar idéias e de maior participação. Ao final da discussão, alguns grupos podem expor aos demais a sua opinião sobre a questão para que haja contato com possíveis outras interpretações. A última questão tem como objetivo, após toda a discussão realizada, fazer o aluno refletir individualmente e elaborar uma resposta ao questionamento. Essa tarefa é também uma forma de o professor avaliar o envolvimento do aluno na discussão e ter contato com aqueles que têm mais dificuldade de se expor oralmente em aula.

3.2. Atividade 6

Texto: *Grande Edgar*¹⁰, Luís Fernando Veríssimo.

Objetivos gerais: analisar a linguagem utilizada no texto observando a questão do humor; interpretar expressões comuns do português falado presentes no texto; identificar sob que perspectiva a história é contada; discutir sobre aspectos do comportamento do brasileiro a partir da situação retratada no texto.

Planejamento:

I. Leitura do texto

a) Você vai ler um conto que retrata uma cena bastante comum no cotidiano dos brasileiros. Observe “os três caminhos a seguir” descritos pelo narrador e relacione a situação com a sua realidade: no seu país como seria?

Grupo 1: explicar a situação retratada no conto.

Grupo 2: explicar os três caminhos sugeridos pelo narrador.

Grupo 3: Explicar como seria esta situação no país deles.

b) Solicitar que os alunos apresentem o que discutiram em grupo.

II. Linguagem do texto e análise da história

a) Propor as seguintes perguntas aos alunos:

- O que você achou do texto?

- Observe a frase inicial do conto “Já deve ter acontecido com você”. Isso já aconteceu com você? Você já passou por alguma situação parecida? Como foi?

- Que aspectos chamam a sua atenção neste conto? O que você achou interessante? (se necessário, chamar atenção dos alunos para algumas questões, como o tom humorístico, conversa com o leitor, traços de oralidade, intervenções do narrador etc.).

- O que você entende pelas palavras ou expressões abaixo no contexto do conto?

freneticamente-

fichas armazenadas na memória-

arquivo desativado-

o curto, grosso e sincero-

dissimulação-

desmemoriado-

desmascarado-

delírio do abismo

- Que termos você usaria para substituir as seguintes expressões do texto:

você pulou no abismo-

um calhorda-

enquanto resgata caixotes com fichas antigas

poeira e teias de aranha no fundo do cérebro-

localizar no sótão-

ao diabo com a cautela-

- Discuta e responda em grupos:

● Descreva os personagens que participam da história. Como eles são? O que você acha de cada um deles?

● Observe o trecho abaixo:

¹⁰ VERÍSSIMO, Luís Fernando. Grande Edgar. in: *O suicida e o computador*. Porto Alegre: L&PM, 1992. (p.146-150)

Não se faz uma pergunta assim, potencialmente embaraçosa, a ninguém, meu caro. Pelo menos não entre pessoas educadas. Você devia ter vergonha. Não me lembro de você e mesmo que lembrasse, não diria. Passe bem.

- De quem é essa voz?

- Quem é o interlocutor?

● Observe a afirmação seguinte: “Há provas estatísticas de que o desejo de não magoar os outros está na origem da maioria dos desastres sociais”. Como você interpreta esta frase?

● Analise as frases trocadas pelos personagens no fim da conversa:

O que é isso? Precisamos nos ver mais seguido.

Isso

Reunir a velha turma.

Certo.

Essas afirmações são verdadeiras? Esse é realmente um desejo dos personagens?

Você já ouviu as pessoas falarem assim? Você acha que isso reflete um aspecto do comportamento do brasileiro? Por quê?

III. Atividade de produção textual: Reescreva o texto a partir da perspectiva do outro personagem.

Texto atividade 6:

Grande Edgar¹¹

Luís Fernando Veríssimo

Já deve ter acontecido com você.

- Não está se lembrando de mim?

Você não está se lembrando dele. Procura, freneticamente, em todas as fichas armazenadas na memória o rosto dele e o nome correspondente, e não encontra. E não há tempo para procurar no arquivo desativado. Ele está ali, na sua frente, sorrindo, os olhos iluminados, antecipando a sua resposta. Lembra ou não lembra?

Neste ponto, você tem uma escolha. Há três caminhos a seguir.

Um, o curto, grosso e sincero.

- Não.

Você não está se lembrando dele e não tem por que esconder isso. O “Não” seco pode até insinuar uma reprimenda à pergunta. Não se faz uma pergunta assim, potencialmente embaraçosa, a ninguém, meu caro. Pelo menos não entre pessoas educadas. Você devia ter vergonha. Não me lembro de você e mesmo que lembrasse não diria. Passe bem.

Outro caminho, menos honesto mas igualmente razoável, é o da dissimulação.

- Não me diga. Você é o... o...

“Não me diga”, no caso, quer dizer “Me diga, me diga”. Você conta com a piedade dele e sabe que cedo ou tarde ele se identificará, para acabar com a sua agonia. Ou você pode dizer algo como:

- Desculpe deve ser a velhice, mas...

Este também é um apelo à piedade. Significa “Não torture um pobre desmemoriado, diga logo quem você é!” É uma maneira simpática de dizer que você não tem a menor idéia de quem ele é, mas que isso não se deve à insignificância dele e sim a uma deficiência de neurônios sua.

¹¹ http://portalliteral.terra.com.br/verissimo/porelemesmo/porelemesmo_grandeedgar.shtml?porelemesmo

E há o terceiro caminho. O menos racional e recomendável. O que leva à tragédia e à ruína. E o que, naturalmente, você escolhe.

- Claro que estou me lembrando de você!

Você não quer magoá-lo, é isso. Há provas estatísticas que o desejo de não magoar os outros está na origem da maioria dos desastres sociais, mas você não quer que ele pense que passou pela sua vida sem deixar um vestígio sequer. E, mesmo, depois de dizer a frase não há como recuar. Você pulou no abismo. Seja o que Deus quiser. Você ainda arremata:

- Há quanto tempo!

Agora tudo dependerá da reação dele. Se for um calhorda, ele o desafiará.

- Então me diga quem eu sou.

Neste caso você não tem outra saída senão simular um ataque cardíaco e esperar, falsamente desacordado, que a ambulância venha salvá-lo. Mas ele pode ser misericordioso e dizer apenas:

- Pois é.

Ou:

- Bota tempo nisso.

Você ganhou tempo para pesquisar melhor a memória. Quem é esse cara, meu Deus? Enquanto resgata caixotes com fichas antigas do meio da poeira e das teias de aranha do fundo do cérebro, o mantém à distância com frases neutras como “jabs” verbais.

- Como cê tem passado?

- Bem, bem.

- Parece mentira.

- Puxa.

(Um colega da escola. Do serviço militar. Será um parente? Quem é esse cara, meu Deus?)

Ele está falando:

- Pensei que você não fosse me reconhecer...

- O que é isso?!

- Não, porque a gente às vezes se decepciona com as pessoas.

- E eu ia esquecer você? Logo você?

- As pessoas mudam. Sei lá.

- Que idéia!

(É o Ademar! Não, o Ademar já morreu. Você foi ao enterro dele. O... o... como era o nome dele? Tinha uma perna mecânica. Rezende! Mas como saber se ele tem uma perna mecânica? Você pode chutá-lo, amigavelmente. E se chutar a perna boa? Chuta as duas. “Que bom encontrar você!” e paf, chuta uma perna. “Que saudade!” e paf, chuta a outra. Quem é esse cara?)

- É incrível como a gente perde contato.

- É mesmo.

Uma tentativa. É um lance arriscado, mas nesses momentos deve-se ser audacioso.

- Cê tem visto alguém da velha turma?

- Só o Pontes.

- Velho Pontes!

(Pontes. Você conhece algum Pontes? Pelo menos agora tem um nome com o qual trabalhar. Uma segunda ficha para localizar no sótão. Pontes, Pontes...)

- Lembra do Croarê?

- Claro!

- Esse eu também encontro, às vezes, no tiro ao alvo.

- Velho Croarê!

(Croarê. Tiro ao alvo. Você não conhece nenhum Croarê e nunca fez tiro ao alvo. É inútil. As pistas não estão ajudando. Você decide esquecer toda a cautela e partir para um lance decisivo. Um lance de desespero. O último, antes de apelar para o enfarte.)

- Rezende...

- Quem?

Não é ele. Pelo menos isso está esclarecido.

- Não tinha um Rezende na turma?

- Não me lembro.

- Devo estar confundindo.

Silêncio. Você sente que está prestes a ser desmascarado.

- Sabe que a Ritinha casou?

- Não!

- Casou.

- Com quem?

- Acho que você não conheceu. O Bituca.

Você abandonou todos os escrúpulos. Ao diabo com a cautela. Já que o vexame é inevitável, que ele seja total, arrasador. Você está tomado por uma espécie de euforia terminal. De delírio do abismo. Como que não conhece o Bituca?

- Claro que conheci! Velho Bituca...

- Pois casaram...

É a sua chance. É a saída. Você passa ao ataque.

- E não me avisaram nada?!

- Bem...

- Não. Espera um pouquinho. Todas essas coisas acontecendo, a Ritinha casando com o Bituca, o Croarê dando tiro, e ninguém me avisa nada?!

- É que a gente perdeu contato e...

- Mas o meu nome está na lista, meu querido. Era só dar um telefonema. Mandar um convite.

- É...

- E você ainda achava que eu não ia reconhecer você. Vocês é que esqueceram de mim!

- Desculpe, Edgar. É que...

- Não desculpe não. Você tem razão. As pessoas mudam...

(Edgar. Ele chamou você de Edgar. Você não se chama Edgar. Ele confundiu você com outro. Ele também não tem a mínima idéia de quem você é. O melhor é acabar logo com isso. Aproveitar que ele está na defensiva. Olhar o relógio e fazer cara de “Já?!”)

- Tenho que ir. Olha, foi bom ver você, viu?

- Certo, Edgar. E desculpe, hein?

- O que é isso? Precisamos nos ver mais seguido.

- Isso.

- Reunir a velha turma.

- Certo.

- E olha, quando falar com a Ritinha e o Mutuca...

- Bituca.

- E o Bituca, diz que eu mandei um beijo. Tchou, hein?

- Tchou, Edgar!

Ao se afastar, você ainda ouve, satisfeito, ele dizer “Grande Edgar”. Mas jura que é a última vez que fará isso. Na próxima vez que alguém lhe perguntar “Você está me reconhecendo?” não dirá nem sim, nem não. Sairá correndo.

A atividade 1 tem como objetivo fazer com que o aluno leia o texto já com o propósito de identificar os caminhos sugeridos pelo narrador, o que neste texto é um ponto chave para a compreensão. Relacionar a situação com a realidade do aluno prepara a reflexão sobre aspectos/diferenças culturais, que será desenvolvida mais adiante. As diferentes questões para cada grupo é uma forma de criar oportunidades para troca de informações e opiniões e para maior participação dos alunos.

As primeiras três perguntas da tarefa II de leitura têm como objetivo focalizar questões consideradas importantes nesse texto: o *efeito* do texto a partir da linguagem e da situação

retratada que constrói o tom humorístico. Os alunos podem expor suas idéias livremente, abordando diferentes aspectos e dando sua opinião; relacionar a situação retratada à sua experiência e, finalmente, analisar com o professor os aspectos considerados importantes tendo-se em vista a discussão que se pretende desenvolver sobre a relação entre os recursos lingüísticos e a atribuição de sentido e do tom do texto. Esses elementos (tom humorístico, conversa com o leitor, traços de oralidade, intervenções do narrador, vozes dos personagens) recebem atenção, também, porque esse é o primeiro trabalho com um texto que traz diálogos. Sugere-se que as considerações dos alunos em relação à primeira pergunta sejam anotadas no quadro para que sirvam de ponto de apoio para a discussão da terceira questão.

As duas questões seguintes visam a analisar expressões utilizadas no texto no intuito de discutir o sentido que adquirem. Nessas tarefas, procuramos destacar termos que são bastante próximos da fala, expressões construídas a partir de metáforas e expressões que dão um tom de exagero e humor ao texto.

Para discutir a situação retratada no texto, é necessário discutir a caracterização das personagens. Nessa história, as personagens não são descritas fisicamente ou psicologicamente, o narrador não nos esclarece suas características principais, mas podemos discutir como elas são a partir das ações e do comportamento de cada uma. Com o objetivo de caracterizar as personagens e são propostas as perguntas que seguem.

Por último, propõe-se uma discussão sobre aspectos do comportamento do brasileiro, a partir de um excerto do texto. O objetivo aqui é discutir o significado da frase no contexto empregado e no cotidiano dos brasileiros. Pretende-se fazer com que o aluno possa refletir sobre sentidos atribuídos a determinados usos da linguagem, como, por exemplo, *a gente se vê*, e *vamos combinar qualquer coisa* ou outras do mesmo tipo que implicam comprometimento, mas são usadas como expressões cordiais de despedida.

Em seguida, é solicitada uma atividade de produção textual com o objetivo de retomar a questão do foco narrativo. Solicita-se que o aluno desloque este foco para o outro personagem e construa um texto dessa forma. Os alunos têm bastante liberdade para escolher o formato ou mudar alguns aspectos do texto, como escolher um outro final, por exemplo. Essa atividade tem como objetivo principal permitir que o aluno tenha a oportunidade de trabalhar a criatividade enquanto cria a história, desenvolver a capacidade de escrita e também propicia mais uma oportunidade de discutir o texto.

3.3- Atividade 8

Texto: *Desenredo*¹², Guimarães Rosa.

Objetivos gerais: abordar a linguagem poética e os diferentes sentidos por ela expressos; analisar detidamente a caracterização das personagens de um texto e como podemos vê-las mesmo se o narrador não as descreve diretamente; analisar como é construído o enredo no conto, e observar possíveis sentidos para o título do conto; reconhecer o(s) narrador(es) do texto.

Planejamento:

I. Relacionar o texto com o título. Solicitar que os alunos façam a seguinte tarefa:

Você sabe o significado da palavra *enredo*?

Dicionário Houaiss: (...) sucessão de acontecimentos que constituem a ação, em uma produção literária (história, novela, conto etc); trama <*fascinante o enredo daquela peça teatral*>.

A partir disso, leia o texto e procure quais seriam os possíveis sentidos para a palavra *desenredo*. Como você explicaria o título?

II. Interpretação do texto:

1. Comentar o texto com os alunos: tema e opinião geral.

2. Focalizar os seguintes aspectos: personagens, narrador, título e a linguagem do texto através das perguntas que seguem para serem discutidas em grupo:

a) Descreva as personagens Jô Joaquim e a moça (Livíria, Rivíria ou Irlívia). O que você acha de cada um deles?

b) Analise o narrador do conto. Pontos que podem ser observados:

- Ele faz parte da história? Existem detalhes que ele desconhece? Quais?

- Ele conhece bem as personagens?

- Como é o posicionamento dele? Que linguagem ele utiliza?

- Este narrador tem algum envolvimento com a história?

c) Explique, de acordo com o conto, as seguintes expressões do texto:

O trágico não vem a conta-gotas

Proibia-se de ser pseudopersonagem em lance de tão vermelha e preta amplitude

Os tempos se seguem e parafraseiam-se

O que fora tão claro como água suja

d) Por que Jô Joaquim é *amatemático* e *contrário à lógica*? O que significa dizer que ele *operava o passado*?

III. Retomar a questão sobre o narrador da história de Jô Joaquim através da pergunta:

- O narrador que conta a história de Jô Joaquim é o mesmo que diz a primeira e a última frase do conto? Explique.

IV. Retomar com os alunos como se dá o *enredo* do conto.

- A partir da discussão realizada, como você interpreta/ explica o título? O que pode ser o *desenredo*?

¹² ROSA, João Guimarães. *Desenredo*. in: BOSI, Alfredo (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1974. (p. 58-60).

Texto atividade 8

Desenredo

Guimarães Rosa

Do narrador a seus ouvintes:

– Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia e no ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que – deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-o e matou-o. Diz-se também, que de leve a ferira, leviano modo.

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusufrutos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e negra amplitude. Ela – longe – sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a agüentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado e fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

Soube-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou – ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que a forma fosse.

Mas.

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou fugida a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

Mais.

No decorrer e comenos, Jó Joaquim entrou sensível a aplicar-se, a progressivo, jeitoso afã. A bonança nada tem a ver com a tempestade. Crível? Sábio sempre foi Ulisses, que começou por se fazer de louco. Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade – idéia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma.

Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumprira-lhe a descaluniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe

à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era tão fácil como refritar almôndegas. Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente.

O ponto está em que o soube, de tal arte: por antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, remendados testemunhos. Jó Joaquim, genial, operava o passado – plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?

Celebrava-a ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar – e qualquer causa se irrefuta.

Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai pra cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

ROSA, Guimarães. Desenredo. In: BOSI, Alfredo(org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2002. (p. 58-60).

Na primeira atividade tem-se como principal objetivo fazer com que os alunos leiam o texto com o propósito de relacioná-lo com o título. A questão do título será retomada mais tarde, mas começar a pensar sobre o título nesse primeiro momento pode auxiliar os alunos na leitura.

Nas atividades de leitura, começamos com um comentário geral com o objetivo de avaliar como foi o contato dos alunos com esse texto. Temos essa preocupação pelo fato de se tratar de um conto considerado *difícil* de ler. Nesse momento os alunos podem começar a expor as suas dúvidas e opiniões e apontar os aspectos que chamaram mais atenção. A partir disso, é possível abordar o enfoque que se pretende na análise do texto, conforme explicitado em 2. Os alunos recebem as questões A e B, que focalizam os personagens e o narrador do texto. Consideramos muito importante que os alunos observem a forma como cada personagem é descrito desde o início do texto para que depois procedam à análise do que acontece no conto: qual é, na verdade, o enredo (ou, no caso, o desenredo)? É sugerido aos alunos que discutam em pequenos grupos e o professor acompanha as discussões. Temos como objetivo, nesse momento, que os alunos se dediquem à análise dos personagens de maneira aprofundada e, em seguida, pensem sobre quem é o narrador, se ele sabe tudo sobre a história, de que forma ele conta esse fato, se ele participa em algum momento etc. Após a análise nos grupos, os alunos expõem aos demais as suas opiniões.

As questões C e D tratam de aspectos lingüísticos que, dentre outros, são pontos chave para a compreensão do conto. Em relação aos demais textos trabalhados até aqui, consideramos que esse exige do leitor um trabalho de interpretação mais atento. Como as expressões destacadas adquirem significado a partir do contexto e, ao mesmo tempo, ajudam a entender o contexto, os alunos devem ter tempo para analisá-las para depois comentarem suas respostas no grande grupo. Ao proceder a essa análise, temos como objetivo aprofundar a leitura da história e retomar as considerações iniciais feitas sobre os personagens (*pseudopersonagem, tão claro como água suja, amatemático*); o enredo (*o trágico, os tempos se seguem e parafraseiam-se*) e iniciar a análise do possível segundo narrador através da tarefa 3. Nesse momento temos como objetivo chamar a atenção do aluno para o fato de que alguém conta a história vivida por Jó Joaquim e alguém conta que a história será contada, este último pronuncia-se na primeira e última frase do conto. Ao propor a análise, pretendemos que os alunos percebam essa questão enquanto discutem.

Após a discussão sobre o enredo, os personagens e os narradores, é retomada a discussão sobre o título. O principal objetivo é que os alunos sugiram uma interpretação para o termo *desenredo* que encontre suporte no conto.

Para finalizar este capítulo, apresento a seguir uma avaliação do desenvolvimento das atividades em sala de aula. A atividade 1 propiciou discutir com os alunos o que seria trabalhado no curso e o que entendemos por texto literário a partir da participação e colaboração de todos. A partir dos excertos, discutimos as noções de tema/assunto; ação; tempo; espaço; personagens; narrador. Por exemplo, com base na leitura do segundo excerto, os alunos disseram que aparecem os participantes da história e, a partir disso, foi introduzida a idéia de personagem. O mesmo aconteceu com o narrador, a partir da análise do primeiro excerto; a questão da descrição do espaço, a partir do terceiro excerto etc. Procurei utilizar ao máximo os comentários dos alunos para apresentar os conceitos. A análise do texto significou um momento de diversão na aula, os alunos disseram ter gostado do texto, estavam envolvidos com a aula e participaram da discussão. Alguns disseram que o menino contava histórias impossíveis e depois falaram que essas histórias eram da imaginação dele, por isso tornavam-se possíveis. Alguns disseram que *imaginação e mentira eram caso de poesia*, assim como as histórias do menino, por isso ele também o era, conforme o diagnóstico mostrava.

A atividade 6 iniciou com uma discussão sobre o jeito de ser dos brasileiros, pois os alunos relataram que a situação do conto era *muito estranha*. Discutimos também sobre a

forma como a situação do texto ocorreria na cultura deles. Em seguida, foi comentado o fato de se tratar de um texto engraçado e, a partir disso, perguntei aos alunos que elementos tornavam o texto engraçado. Durante essa discussão abordamos diversos aspectos, como a caracterização das personagens, a linguagem, o narrador que faz comentários engraçados. Depois comentamos sobre a perspectiva a partir da qual é contada a história, já preparando os alunos para a última tarefa. No final da discussão, retomamos a questão do comportamento e como interpretar determinadas expressões em diferentes culturas. Os alunos comentaram que os brasileiros parecem *falar muito* e são extrovertidos e, talvez por isso, falem coisas que não pretendem realizar e citaram como exemplo as expressões *a gente se vê* ou *nos falamos*. A partir disso, abordamos alguns outros usos em Português que poderiam ser classificados, conforme Schlatter, (2000, p.519), “um campo fértil para possíveis mal-entendidos”. Terminamos a discussão comentando que quando aprendemos uma língua é necessário aprender também os *truques* dessa língua, ou seja, os sentidos atribuídos pela comunidade linguística a expressões de uso, que nos são revelados pouco a pouco através de diferentes situações.

As produções textuais solicitadas nesta atividade – a versão da história sob o ponto de vista do outro participante – foram bem diferentes umas das outras sendo que, na maioria delas, os alunos produziram textos bem engraçados, mantendo o humor presente no texto que deu origem à tarefa. Uma aluna, por exemplo, construiu a história a partir do fato de que a personagem que aborda o suposto amigo não tinha certeza exata sobre quem era o amigo e ao longo do diálogo vai tirando conclusões a partir das reações do outro:

É ele mesmo, Camilo (...) Não, não, Camilo nunca faz isso. (...) Ah, eu sei, ele é Júlio (...) Incrível! Só... só um pouquinho. Provavelmente ele não é o Júlio. Então, quem é ele? Meu Deus! Ah! Edgar! É ele! Grande Edgar! (Cláudia*)¹³

No texto abaixo, a personagem que aborda a outra, no meio da conversa, percebe que realmente não se trata do Edgar, que ele está falando com a pessoa errada, também baseado nas frases ditas pelo outro. A aluna reproduziu a mesma situação, porém pela outra perspectiva: assim como no texto original, no qual a personagem se surpreende muito ao ser chamado de Edgar, o mesmo acontece na história criada, em que a primeira personagem se surpreende ao perceber que, na verdade, o outro não é o Edgar:

Meu Deus! Então ele pode definir que o homem em frente dele não é o colega dele. Mas precisou de continuar:
- Acho que você não conheceu. O Bituca.
- Pois casaram.
- E não me avisaram nada?!

* Os nomes dos alunos foram substituídos por nomes fictícios, para preservar suas identidades.

¹³ Ver texto completo no anexo 3.

- Meu Deus, ele é um ator?
Não, talvez ele sabe eu fiz o erro, mas não quer apontar. A gentileza é o mais importante para ele. (...) Ta bom!!! Vou continuar contigo. (Fernanda*)¹⁴

Uma outra versão semelhante (a primeira personagem percebe que abordou a pessoa errada) ocorre em um texto iniciado pela voz desse narrador personagem dizendo que há uma hora encontrou o velho amigo Edgar. Esse narrador conta sobre a conversa que tiveram e após a conversa, enquanto o velho amigo Edgar se afastava, ele recebe um telefonema que faz reconsiderar o encontro:

Mas, eu recebi meu celular enquanto ele saiu.
“Oi, é a Ritinha.”
“Oi, Ritinha! Tudo bom?”
“Tudo...”
“Ta chorando? O que aconteceu?”
“Lembra do Edgar? Nosso bom amigo da escola secundária.”
“Sim, claro! Eu já encontrei ele aqui no shopping”.
“Como?! Meu Deus! É impossível! Eu quero dizer para você que ele morreu num acidente na rua ontem!”
O que?!...”
Eu me virei e vi ele andando para longe, não posso afastar meu corpo demais. (Tanara*)¹⁵

Por último, destaca-se um tipo de história produzida por vários alunos, no qual é explicado o *motivo* por que a primeira personagem aborda a outra, sendo que ela já sabia que a outra não era, realmente, o dito Edgar. Por exemplo, no texto abaixo, a personagem aborda a outra pois isso fazia parte de uma pesquisa, cujo título seria *As reações das pessoas na situação desconcertada ou Ele vai mentir?*. O título da produção textual é *A quarta pessoa*, pois, conforme explicado a partir dos pensamentos da personagem que faz a pergunta *não está me reconhecendo?*, ele já havia se aproximado de outras três, que lhe responderam *não*, simplesmente. E a *quarta pessoa* ajudou-o a realizar a pesquisa. A aluna seguiu a estrutura idêntica ao texto original, porém recriou-o com muita criatividade.

- Não está se lembrando de mim?
(Era a quarta pessoa que eu pesquisei. As três pessoas anteriores disseram “Não” diretamente. Esta vez, não diga só “Não”, por favor, por favor).
- Claro que estou me lembrando de você!
(Legal! Consigo! Talvez ele não queira me magoar. Obrigada, hehe). (...)
- E eu ia esquecer de você? Logo de você?
(Que coitado! Ele ainda tem vergonha por não se lembrou de mim)
- Você tem visto alguém da velha turma?
(Há. Ele mencionou a velha turma, é um lance arriscado, não é? Ele quer saber mais informações sobre eu. Então, vamos continuar brincar. (...)) (Elisabeth)¹⁶

O trabalho com o texto *Grande Edgar* foi desafiador para os alunos, tanto em relação à atividade de leitura e interpretação quanto na atividade de produção textual. O texto ofereceu várias oportunidades para discussão de aspectos culturais do cotidiano e a

¹⁴ Ver texto completo no anexo 4.

¹⁵ Ver texto completo no anexo 5.

¹⁶ Ver texto completo no anexo 6.

produção, além de propiciar o uso da criatividade, fez os alunos refletirem sobre a importância e o papel do ponto de vista de quem conta a história. Um aspecto interessante seria os alunos terem trocado as produções ou lido alguns textos dos colegas para comentar. Não realizamos essa atividade. Os alunos, porém, tiveram algum contato com as histórias criadas pelos colegas pois, antes de entregar, cada um expôs, resumidamente, o que acontecia na sua história em uma atividade de conversação.

Para a realização da atividade 8, com o texto *Desenredo*, iniciamos analisando os termos desconhecidos pelos alunos. Eles disseram que o texto era muito difícil e mesmo após a primeira conversa, não conseguiam entendê-lo. Solicitei que eles revisassem ou relessem o texto e escrevessem o que haviam compreendido sobre a história para que tivéssemos um ponto de partida para a realização das atividades. Usei as informações dos textos dos alunos¹⁷ e pedi que contribuíssem na discussão para que juntos entendêssemos todo o *enredo* dessa história. Assim, partindo de pontos escritos pelos alunos e de trechos destacados por eles no texto, discutimos o que acontecia na história que, segundo os alunos, era contada de uma forma muito estranha, pois não se dizia diretamente o que acontecia. Em seguida, começamos a análise dos pontos previstos no planejamento da aula. Apesar de o texto ter sido considerado difícil, os alunos esforçaram-se para entender a história, participaram e contribuíram para que o grupo conseguisse realizar as tarefas.

Iniciamos a discussão sobre o narrador a partir de um comentário de uma aluna que terminou seu texto dizendo “Jó Joaquim anotou a história inteira”. E discutimos sobre o fato de haver dois narradores nessa história. Os alunos se envolveram na discussão e ajudaram-se muito, o que foi muito positivo. Algumas vezes, relacionaram trechos do texto com provérbios chineses e juntos me explicaram o significado dos provérbios para comparar com partes do texto, como *o trágico não vem a conta-gotas; tão claro como água suja*. Analisamos também a linguagem do texto baseado nas opiniões dos alunos e, a partir de um trabalho mais atento em relação à linguagem, analisamos as personagens e discutimos sobre o título. Os alunos sugeriram as seguintes interpretações do título: contrário de *enredo*, porque a história se repete e recomeça; algo que vai contra o *enredo*, pois Jó Joaquim recria o *enredo* sobre a mulher; *desenredar*, descobrir a história e por fim, comentamos que poderia também ter um sentido de *desenlace*. Os objetivos foram cumpridos, pois foi possível trabalhar todos os aspectos planejados e a interpretação dos alunos sobre o título mostra que houve uma leitura aprofundada e que a discussão contribuiu para o entendimento do texto.

¹⁷ Ver exemplos dessa tarefa no anexo 7.

Através do relato acima, pretendi refletir sobre como a literatura contribui para o entendimento de diversos aspectos que fazem parte da cultura e como esses podem ser revelados através da leitura e da discussão do texto. A reflexão pode ser incentivada a partir do que foi compreendido, mas também a partir do que causou dúvidas, estranhamento ou incompreensão. Por exemplo, quando alguma questão parecia não fazer sentido para os alunos ou quando eles consideravam *feliz* um final que a partir de outros parâmetros culturais julgaríamos *infeliz*, notava-se a percepção e a conscientização do aluno (e da professora) das diferentes concepções culturais. Um diálogo que naturalmente se desenvolvia a propósito dos contrastes expostos através das leituras e interpretações.

Como já expus anteriormente, a resposta dos alunos foi muito positiva: eles demonstraram interesse ao longo do curso e muito esforço, pois, como relataram muitas vezes, as leituras eram consideradas difíceis e a necessária consulta ao dicionário desanimava. Mesmo assim, a maioria dos alunos procedia à leitura prévia dos textos e na aula solucionava problemas de entendimento. Em relação a esse aspecto, os alunos demonstravam gostar das aulas, participavam e confessavam, frequentemente, terem gostado mais do texto após a discussão. Dessa forma, consideramos que através dessa aula o aluno pôde vivenciar situações prazerosas, rir, se surpreender, se divertir e brincar a partir do diálogo com o grupo, além de muitas vezes sensibilizar-se em relação ao texto lido após a discussão, como ocorreu nas aulas em que foram trabalhados os textos *Vivendo e....*, *Pertinácia* e *Colheita*, por exemplo.

Algumas situações ocorridas no curso poderiam exemplificar a aproximação – ou talvez a mistura – entre ensino de língua e de cultura através da utilização do texto literário na aula. Um dos pontos a destacar sobre essa questão é o fato de que a interpretação e as opiniões surgiram a partir da troca de idéias e da reflexão sobre o significado que determinados aspectos adquirem a partir da forma como ele é visto ou representado em diferentes contextos. O mesmo ocorreu em relação aos recursos lingüísticos ou poéticos presentes nos textos que pediam um trabalho de interpretação atento e aprofundado.

Consideramos que a literatura só tem a contribuir no processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira uma vez que possibilita que sejam abordados diferentes aspectos, como a utilização de recursos lingüísticos; questões culturais; diferentes representações da realidade; a criatividade; o poético; o sarcástico; o irônico; o dia a dia; os diferentes registros e formas de expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho refletimos sobre a utilização da literatura em aula de língua estrangeira tendo como base o conceito de uso da linguagem da perspectiva sociocultural e a relação entre ensino de língua e ensino de cultura. Mostramos como a literatura pode contribuir para o ensino de língua proporcionando uma abordagem mais aprofundada em relação a questões de uso de recursos lingüísticos, aspectos culturais, diferentes significados, valores e representações no universo da língua-alvo. Apresentamos os objetivos de se trabalhar com literatura no ensino de língua e apresentamos a proposta de trabalho desenvolvida no curso de Contos e Crônicas do Programa de Português para Estrangeiros da UFRGS. Por fim, analisamos 3 atividades desenvolvidas neste curso com o objetivo de ilustrar a proposta.

O curso de Contos e Crônicas – criado e apresentado aqui – foi planejado para alunos de nível intermediário. Uma forma de continuar este trabalho seria planejar outros cursos para o nível básico, para que desde o início do processo de aprendizagem, o aluno entre em contato com a literatura brasileira e, através dela, com aspectos de uso, formas de se ver e representar a realidade, questões culturais, com o lúdico e a fantasia. Para um nível básico, a seleção de textos deve ser cuidadosa e a elaboração das atividades deve levar em conta a proficiência dos alunos, fornecendo maior apoio lingüístico e orientações mais estruturadas sobre o contexto cultural para a resolução das tarefas.

Mário de Andrade, conforme já citado, fala sobre a literatura estrangeira dizendo que (...) *no julgar da coisa estranha nós exercemos primordialmente aquela delícia bem sutil de desviver* (1972), afirmação que pode ser relacionada com o questionamento de Christine Revuz sobre o que é aprender outra língua: (...) *não será sempre entregar-se a um duplo desconhecimento: desconhecimento do Outro, da alteridade e desconhecimento de si e do próprio estranhamento?* (1998, p.229). Essa imagem ilustra nossa convicção de que literatura, cultura e língua estrangeira têm relações muito estreitas, pois tanto o processo de *desviver* quanto o de *desconhecer-se* se baseiam no contato com o outro, na troca de experiência e na construção de novos sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário. *O apanhador de passarinhos*. São Paulo: Itatiaia, 1972
- ARISTÓTELES. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BANDEIRA, Manuel. *Seleção em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2002
- BRESSAN, Cláudia G. *A elaboração de tarefas com vídeos autênticos para o ensino de línguas estrangeiras*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, UFRGS. 2002
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- CLARK, H. H. O uso da linguagem. In: *Cadernos do IL/UFRGS*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. (p.49-71).
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto*. São Paulo: Editora Ática, 1995
- GARCEZ, Pedro M. Cultura invisível e variação cultural na fala-em interação social: O que os educadores da linguagem têm a ver com isso. in: Indursky, F. & Campos, M. do C. *Discurso, Memória, Identidade*. ColeçãoEnsaio. Porto Alegre: Sangra Luzzato 2000. (p.495-516).
- GONZÁLES, Neide T. Maia. La utilización del texto literario en las clases de lengua extranjera. In: *Lengua, literatura e a integração hispano-americana./* organizado por Pedro Câncio da Silva. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1990. (p.116-123).
- HADLEY, Alice Omaggio. *Teaching language in context*. Boston: Heinle & Heinle publishers, 1993.
- PAVANI, Cinara Ferreira. *Criatividade: atividades de criação literária*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003
- REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, L. (ed.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. (p.213-230)
- SCHLATTER, Margarete. Inimiga ou aliada? O papel da cultura no ensino de língua estrangeira. In: Indursky, F. & Campos, M. do C. *Discurso, Memória, Identidade*. ColeçãoEnsaio. Porto Alegre: sangra Luzzato, 2000. (p.517-527).
- SERRANI, Silvana. *Discurso e cultura na aula de língua*. São Paulo: Pontes, 2005
- SILVA, Renato Caixeta. *O uso do texto literário no livro didático de inglês elaborado a partir da abordagem comunicativa*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG. 1998.

TEXTOS TRABALHADOS NO CURSO – REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. Uma história de borboletas. In: *Fragmentos: 8 histórias e um conto inédito*. Porto Alegre: L&PM, 2000. (p.59-74).
- ANDRADE, Carlos Drummond. A incapacidade de ser verdadeiro. In: *O sorvete e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1994. (p.5)
- _____. O elefante. In: *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. O outro marido. In: *Elenco de cronistas modernos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. (p.130-132).

- GALEANO, Eduardo. A função da arte. *In: O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- GRANDO, Diego. Pertinácia. *In: Oficina 31: contos de oficina*. Org. Luís Antônio de Assis Brasil. Porto Alegre: SRA Edições, 2003. (p.58-59).
- _____. Sol de tarde sol. *In: Oficina 31: contos de oficina*. Org. Luís Antônio de Assis Brasil. Porto Alegre: SRA Edições, 2003. (p.60-61).
- LACERDA, Rodrigo. Entre nós. *In: Aquela canção- 12 contos para 12 músicas*. São Paulo: Publifolha, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. Feliz aniversário. *In: BOSI, Alfredo (org.). O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2002. (p. 226-235).
- PIÑON, Nélide. Colheita. *In: BOSI, Alfredo(org.). O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2002. (p. 281-287).
- QUINTANA, Mário. Sapato Florido (excertos). *In: Poesia*. São Paulo: Globo, 2000.
- RODRIGUES, Nelson. A virgem sonhava no jardim. *In: O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. (p.57-60).
- _____. A coroa de orquídeas. *In: Os 100 melhores contos de humor*. São Paulo: Ediouro, 2001.
- ROSA, Guimarães. Desenredo. *In: BOSI, Alfredo(org.). O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2002. (p. 58-60).
- SABINO, Fernando. O gordo e o magro. *In: Para gostar de ler : crônicas*. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. Dona Custódia. *In: Elenco de cronistas modernos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. (p.181-184).
- SCLIAR, Moacyr. Duas Canções. *In: Aquela canção- 12 contos para 12 músicas*. São Paulo: Publifolha, 2005.
- VERÍSSIMO, Érico. Um certo capitão Rodrigo (excertos). *In: O continente*. São Paulo: Globo, 2001. (p.171-174).
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. A mal-entendida. *In: Traçando Porto Alegre*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. (p.13-17).
- _____. Grande Edgar. *In: O suicida e o computador*. Porto Alegre: L&PM, 1992. (p.146-150).
- _____. Papos. *In: Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (p. 65-66)
- _____. Sexa. *In: Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (p. 53-54)
- _____. Vivendo e... *In: Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (p.45-46)

ANEXOS

ANEXO 1

Avaliação – Curso de Contos e Crônicas

Marque um “X” de acordo com o seu grau de satisfação

(5)------(4)------(3)------(2)----- (1)
excelente muito bom bom regular insatisfatório

1. Quanto às leituras selecionadas para este curso. (5) (4) (3) (2) (1)
2. Quanto à dinâmica de trabalho (discussão em grupo). (5) (4) (3) (2) (1)
3. Atividades propostas – opinião geral. (5) (4) (3) (2) (1)
4. Atividades de pré-leitura. (5) (4) (3) (2) (1)
5. Atividades de interpretação de texto. (5) (4) (3) (2) (1)
6. Realização de discussão sobre aspectos da realidade do Brasil/ do seu país de origem a partir do assunto do texto. (5) (4) (3) (2) (1)
7. Atividades para trabalhar vocabulário (5) (4) (3) (2) (1)
8. Clareza das explicações. (5) (4) (3) (2) (1)
9. Clareza das tarefas. (5) (4) (3) (2) (1)
10. Dinâmica da aula – visão geral. (5) (4) (3) (2) (1)

Em relação às leituras, quais você achou mais interessantes?

+++ _____
++ _____
+ _____

Marque novamente (5) (4) (3) (2) (1) para dizer o que você achou dos textos trabalhados:

(5)----- (1)
muito interessante pouco interessante

- (5) (4) (3) (2) (1) – A incapacidade de ser verdadeiro, Carlos Drummond de Andrade.
(5) (4) (3) (2) (1) – Duas canções, Moacyr Scliar.
(5) (4) (3) (2) (1) – A função da arte, Eduardo Galeano.
(5) (4) (3) (2) (1) – Traçando Porto Alegre, Luís Fernando Veríssimo.
(5) (4) (3) (2) (1) – Feliz Aniversário, Clarice Lispector.
(5) (4) (3) (2) (1) – Grande Edgar – Luís Fernando Veríssimo
(5) (4) (3) (2) (1) – O gordo e o magro – Fernando Sabino
(5) (4) (3) (2) (1) – Desenredo – Guimarães Rosa
(5) (4) (3) (2) (1) – A virgem sonhava no jardim – Nelson Rodrigues
(5) (4) (3) (2) (1) – Vivendo e... - Luís Fernando Veríssimo
(5) (4) (3) (2) (1) – Uma história de borboletas – Caio Fernando Abreu
(5) (4) (3) (2) (1) – Entre nós – Rodrigo Lacerda
(5) (4) (3) (2) (1) – Pertinácia – Diego Grando
(5) (4) (3) (2) (1) – Sol de tarde sol – Diego Grando
(5) (4) (3) (2) (1) – A coroa de orquídeas – Nelson Rodrigues
(5) (4) (3) (2) (1) – Colheita – Nélida Piñon
(5) (4) (3) (2) (1) – Sexa - Luís Fernando Veríssimo
(5) (4) (3) (2) (1) – Papos - Luís Fernando Veríssimo
(5) (4) (3) (2) (1) – O outro marido – Carlos Drummond de Andrade

Numere (5) (4) (3) (2) (1) de acordo com seu grau de interesse

(5)----- (1)
muito interessante pouco interessante

Na aula de contos e crônicas eu considero importante

- Conhecer escritores brasileiros
- Discutir aspectos da cultura brasileira
- Ampliar o vocabulário
- Entender bem a história, observar os personagens.
- Melhorar a habilidade da leitura
- Outros (especifique): _____

Numere (5) (4) (3) (2) (1) de acordo com seu grau de dificuldade

(5)----- (1)
muito difícil muito fácil

- ler em português
- ler textos literários
- compreender as histórias
- participar e expor minha opinião
- entender o vocabulário

O que você achou sobre a utilização de textos literários nessa aula? Escolha 1 resposta e justifique:

- gosto de literatura e acho que as aulas foram muito produtivas
- gosto de literatura, mas prefiro ler textos não literários em aula
- acho que as aulas foram interessantes
- prefiro outro tipo de aula
- não gosto de literatura

Justificativa:

Comentário geral sobre o curso: pontos positivos; negativos; críticas, sugestões:

ANEXO 2

- Comentários dos alunos feitos na última parte da avaliação.

Comentário geral sobre o curso: pontos positivos; negativos; críticas, sugestões:

~~Alguns~~ Alguns textos são meio difícil por ~~causa~~ que das palavras que as pessoas não usam muito. Então acho que não é ~~me~~ necessário aprender e quando fizemos preparação, foi super difícil pois não conseguimos no dicionário.

Mas adoro esse curso ~~pt~~ porque posso conhecer a literatura, cultura e os pensamentos.

Justificativa:

Por causa das aulas, conheço os escritores brasileiros. E os textos são legais. E ampliar o vocabulário é muito importante para nós. Ler o texto é um jeito tri bom.

Justificativa:

A aula ^{de textos} de conto e crônica nos ajuda a conhecer muitos ^{textos} literários e os autor famosos do Brasil. Gosto muito da aula, porque acho que os textos são interessantes e fazem me ~~s~~ conhecer muito sobre a história e hábitos.

Comentário geral sobre o curso: pontos positivos; negativos; críticas, sugestões: Brasileiros.

Gosto muito da aula e quero ler mais textos interessantes nas aulas.

ANEXO 3

Date

No

- Não está se lembrando de mim?
- Eu estou examinar essa pessoa que tá
enfrente de mim. Eu ~~com~~ ^{tenho} certeza que
ele é o meu colega da escola secundária.
É ele mesmo, Camilo. Mas, mas ele
parece não se lembra de mim...

- Ah, faz tempo, né? Eu ia esquecer
você? Logo você?

Só... só pouquinho. Ele é Camilo? Não,
não. Camilo nunca faz isso, olha só,
ele tá batendo a cabeça...

- Lembra do Croaré?

- Claro!

Ah, eu sei, ele é Júlio, que sempre
jogava basquete com Croaré.

- sabe que a Ritinha casou?

Quero saber a reação dele, a Ritinha
casou! Que triste! Ele gostou dela.

Data _____ No _____

Eu sei! Todo mundo sabe!

- Com Quem?

...
Ele não tá louco... Esse noticiário
não é nada para ele. Ele tá com
calma... ~~Incrível!~~ ^{Incrível!} Só... só pouquinho.
Provavelmente, ele não é Júlio. Então,
Quem é ele?! Meu deus! Ah!
Edgar! É ele! Grande Edgar!
Agora, eu tenho certeza que ele é
~~o~~ o meu colega, Edgar. Olha só,
eu tenho ~~bo~~ uma ótima memória.
Já 15 anos passou, eu me lembro
todo! Todo... Ele é Edgar... Edgar..

ANEXO 4

Grande Esqueço

O Senhor A é um homem simpático, ele gosta de participar das festas dos colegas velhos, conversar com os amigos na rua, etc.

Um dia, encontrou um homem que parecia o colega velho que se chamava Edgár, quando ele ^{ava} ~~andou~~ na rua.

Ele foi cumprimentar,

— não está se lembrando de mim?

Na verdade, o senhor A não esteve convencido (de) se ele é Edgár. Porque eles já não ^{tinham contato} ~~contactam~~ há o ^{muito} longo tempo.

Mas o homem respondeu rapidamente,

— Claro que estou me lembrando de você!

Há quanto tempo!

— Pois é.

Como se tem passado?

— Bem, bem.

Agora, Senhor A confirmou. Então, ele continuou a de falar (ou falando).

— Pensei que você não fosse me reconhecer.

— O que é isso?!

— Não, porque a gente às vezes se decepciona com as pessoas.

— É eu ia esquecer você? Logo você?

— As pessoas mudam. Sei lá.

— Que ideias.

— É incrível como a gente perde contato.

— É mesmo.

O senhor A se sentiu muito estranho, ele foi o

chefe da turma, quase toda a turma lembrava^{va} ele.
Por que ele não lembrou?

Ele começou (a) outro tema de conversação.

— Cê tem visto alguém da velha turma?

— Só o Pontes.

— Vêlho Pontes!

Muito estranho! O Pontes foi o mais jovem
aluno na turma. Porque se chama Vêlho Pontes?
Mas o senhor A queria observar mais ...

Ele perguntou:

— Rezende ...

— Quem?

— Não tinha um Rezende na turma?

— Não me lembro.

— Devo estar confundindo.

O senhor A começou de novo a perguntar dele.

— Sabe que a Ritinha casou?

A Rita e o Bituca ambos foram os alunos
na turma dele. Eles namoraram quando estavam
na escola e casaram depois de entrar
Faculdade. Quase toda a turma e professor
foram o casamento deles. O tempo já foi
longo, mas cada um lembra do casal.

— Com quem?

— Meu deus!! Então ele pode definir que
o homem em frente dele não é o colega dele.
Mas precisam (de) continuar.

— Acho que você não conheceu o Bituca.

— Pois casaram.

— E não me avisaram nada?!
libra

Meu deus! Ele é ^{um} oitão?!

Não, talvez ele sabe ^{que} eu fiz ^{um} erro, mas não quer apontar. A gentileza é o mais importante para ele. Então ele prefere fingir. Tá bom!! Vou continuar contigo.

— Bem...

— Não. Espere um pouquinho. Todas essas coisas acontecendo, a Ritinha casando com o Bituca, o Crocê dando tiro, e ninguém me avisa nada?!

— É que a gente perdeu contato e...

— Mas o meu nome está na lista, meu querido. Era só dar um telefonema. Mandar um convite.

— Tenho que ir. Olha, foi bom ver você viu?

Eu estou louco ^{para} (você) terminar a conversa.

— Certo. Adgã. É desculpe hein?

— O que é isso? Precisamos nos ver mais seguidos.

— Isso.

— Reunir a velha turma.

— Certo.

— Tchau!

— Tchau!

... interessante

Fabi!

ANEXO 5



Date _____
Page _____

Agora, eu não posso atastar demais.

Uma hora atrás, eu encontrei o Edgar! Ele é minha colega da escola secundária. Eu não sei se ele pode me reconhecer depois de 15 anos sem contatos? De qualquer maneira, eu fui chamar ele, mas ele não chamou meu nome. Eu quero perguntar a ele (que) se ainda lembrou o meu nome, mas acho que não é educado perguntar (com) isso. Caso ele não me lembrou, é embaraço para nós, hum... não é bom fazer isso. Então, nós começamos a conversar muito sobre as vidas dos nossos colegas atualmente, e eu tive certeza que ele lembrou de mim. Nós passamos tempo muito alegre juntos e tb. confirmamos um dia para reunir a velha turma. Mas, eu recebi meu celular enquanto ele saiu,

" Oi, é a Ritinha."

" Oi, Ritinha! Tudo Bom?"

" Tudo "

" Tá chorando? O que acontece?"

" Lembrou de Edgar? Nosso bom amigo da escola secundária."

" Sim, Claro!: Eu já encontrei ele aqui no shopping."

" Como?! Meu Deus! É impossível! Eu quero dizer

Reinaldo Passos



Date _____

Nu. _____

para você que ele morreu numa acidente na
rua ontem!"

"O que?!"

Eu me virei, e vi ele andando para longe,
não posso afastar meu corpo demais.

* LITTLE GIANT STATIONERY BUSINESS CO. LTD.

ANEXO 6

A quarta pessoa

Date

— Não está se lembrando de mim?

(Ém a quarta pessoa que eu pesquisei. As três pessoas anteriores disseram "Não" diretamente. Esta vez, não diga só "Não", por favor, por favor.)

— Claro que estou me lembrando de você!
(Legal! Consigo! Talvez ele não queira me magoar. Obrigada, hehe.)

— Há quanto tempo!

(Ele continua falar. Bom início. O que eu devo dizer? Tenho que continuar a conversa

— Pois é.

— Como você tem passado?

— Bem, bem.

— Parece mentira.

— Pura.

(Que pessoa simpática. Ele parece ainda estar pensando quem eu sou. Deixe-me tentar mais uma vez.)

— Pensei que você não fosse me reconhecer...

— O que é isso?!

— Não, porque a gente às vezes se deprecia.

Small text at the bottom right of the page.

Com as pessoas.

— É eu ia esquecer você? Logo você?!
(Que contado! Ele ainda tem vergonha por não se lembrar de mim.)

— Você tem visto alguém da velha turma?
(Ha... Ele mencionou a velha turma, é um lance artístico, não é? Ele quer saber mais informações sobre eu. Então, vamos continuar brincando.)

— Só o Pontes!
— Velha Pontes!

(Ele deve estar pensando quem é Pontes. Olha que cara confusa dele.)

— Rezende...
(Ele me chamou? Será que ele me misturou realmente com outra pessoa? Não, não pode ser.)

— Quem?

— Não tinha um Rezende na turma?

— Não me lembro.

— Deve estar confundido.

(Sim, ele só tentou saber quem sou eu, isso de sair. Tem razão, e acho que nessa conversa

Xin Feng Zhu Yin Bannaz 3

mesmo. Será que é melhor eu acabar a pesqui-
sa agora ou... bom, vou fazer última pergunta.)

— Sabe que a Ritinha casou?
— Não!

(Claro que não ??)

— Casou.

— Com quem?

— Acho que você não conheceu. O Bituca.

— Claro que conheci! Velho Bituca...

(Olhe o que ele respondeu, ele conheceu?!)

— E não me avisaram nada?!

(Ele mostra uma cara meio zangada. Interes-
sante!)

— É que a gente perdeu contato e...

— Mas o meu nome está na lista, meu querido.
Era só dar um telefonema. Mandar um convite.

— É...

— É você ainda achava que eu não ia reconhecer
você. Vocês é que esqueceram de mim!

(En... Ele fez isso para procurar um jeito
de sair. Tem razão, e acho que nessa conversa

Xin Feng Zhu Yin Bannaz 3

Já é valiosa para minha pesquisa. Então deixe-me terminar.)

— Desculpe, Edgar. É que...

— Não desculpe, não. Você tem razão. As pessoas mudam...

(Ele parou. Ele percebeu que eu confundi ele com outro. Ótimo! O que ele vai fazer? Olha o relógio e fazer cara de "já?" ...)

Zwiebigente, boa ideia!)

— Tenho que ir. Olha, foi bom ver você, hein?

— Isso.

— Revenir a velha turna.

— Certo.

— E olha, quando falar com a Ritinha e o Bruno, diga que eu mandei um beijo. Tcham, hein?

(Tem que falar algumas coisas por gentileza para terminar bem uma conversa, né?)

— Tcham, Edgar!

(Ele se afastou para longe. O que ele vai pensar de mim? Louco? Hehe, embora, deixo o agradecer, ele me ajudou muito na pesquisa.)

Dessa forma, terei o texto de pesquisa para entregar à professora amanhã. O título pode ser AS REAÇÕES DAS PESSOAS NA SITUAÇÃO DESCONCERTADA ou ELE VAI MENTIR? ... Bom, vou escalar depois.

É o texto pode começar como assim:

" Ontem, eu fiz uma pesquisa com quatro pessoas que não nós conhecíamos antes.

Eu lhes perguntei se eles ainda se lembram de mim. E três deles me deram uma resposta curta e grossa: "Não, mas última pessoa mentiu que ele me reconheceu..."

ANEXO 7

- Exemplos de produções textuais feitas pelos alunos na atividade 8.

É uma história que sobre o amor entre três pessoas. Um casal, porém já casou, agora não existe amor entre o casal, e a mulher amou outro homem, que se chama Jó Joaquim. Mas eles sabiam que o marido dela foi uma pessoa grosseira, pois eles não pública a paixão deles até a morte do marido. Por que o marido morreu? Por que a mulher o matou. E ela disse com outras pessoas que o marido dela morreu por causa de tifo ou afogado.

Depois esta mulher casou com o Jó Joaquim. Infelizmente, não tinha muita felicidade depois de casamento, a mulher, foi traidora com o Jó Joaquim. A paixão quase acabava, pois a mulher viajou fugida. Mas, na verdade, o Jó Joaquim amou a mulher muito, nos dias sem ela, ele ficou muito triste, e contou pra outras pessoas que na verdade, a mulher não estava traidora com ele, e outras coisas assim. Finalmente, a mulher voltou e eles viveram continuamente.

Nu minha opinião esta história pode ser real. Acho que na verdade, é uma história normal de amor, entre três pessoas. Neste artigo, eu não gosto do Jó Joaquim nem Vilitia. Jó Joaquim meos que tem uma fama de sineiro, ele é uma cara que quebrou a família de outra pessoa. Então eu não gosto a personagem Vilitia, é uma mulher ruim. Ela não pode amar realmente jamais. Ela não vale a pena de ser amada por ninguém. Então dentro a história, eu não gosto das personagens.

Mas, de qualquer modo, é uma história interessante. Para mim este artigo é um pouco difícil entender. :P

DESENREDO

Jó Joaquim é uma pessoa quieto e respeitado. Quando ele encontrou a Vilina, eles amaram um pelo outro. Mas a Vilina foi casada e o marido dela foi atroz e tinha muito ciúme. Jó Joaquim e a Vilina esconderam o amor deles para evitar os mal-dizer.

Um dia, a Vilina não aguentou mais e matou o marido dela. Jó Joaquim e a Vilina tiveram chance de viver juntos. Eles se casaram.

Mas, a Vilina foi traidora depois de se casar com o Jó Joaquim. Por causa do amor, Jó Joaquim não a matou. Mas a mulher fugiu com o desconhecido destino. Depois de que ela viajou fugido, ele estava triste, tímido e recebia todos os dias. Por causa do amor à mulher, ele descaluniou-a e obrigava-se por tudo.

Ele se sentiu que amar a mulher dele muito e finalmente, a Vilina voltou e eles se encontraram e conviveram de novo. O verdade é a vida melhor da vida do Jó Joaquim.

"Desenredo"

Eu não entendo esta história muito bem. Só consigo entender poucas coisas.

- ▷ Jó Joaquim e Irívia têm namorando, são amantes antigos.
- ▷ Irívia é casada e o marido dele matou o homem quem ficava com a Irívia.
- ▷ Depois ^{entre} Jó Joaquim e Irívia tinha problema e Irívia saiu.
- ▷ Depois da saída da Irívia, Jó Joaquim tinha muita saudade e começou a procurá-la.
- ▷ Finalmente Irívia voltou e eles viviam com felicidade.

Conto:

No.

Date

Desenredo

Era uma paixão errada desde
começo.

O personagem principal João Joaquim se apaixonou por uma mulher que se chama Lívira ou Riviria, não sei exatamente, vamos a chamar Lívira. Logicamente, ela é linda. Eles se apaixonaram um pelo outro. Mas, a Lívira é uma mulher casada, e o marido dela se fazia notório por causa de ciúme. Então eles se namoraram secretamente.

Um ~~trágico~~ não vem a conta-gostas geralmente. Um dia, o marido da Lívira pareceu perceber alguma coisa e a perguntou a verdade. Dessa forma, a situação entre o João e a Lívira daí não foi tão boa. O João ficava muito depressivo, mesmo até a Lívira já sair, ele ainda se aguentava nas defestuosas emoções.

Como o Providência pra, o marido

da Lívia morreu afogada em de
doença. E Jó, depois de um pouco tempo
de tristeza, ele e ela se casaram e
se viveram felizmente.

Mas sempre vem imprevisível o
abominoso, né? A Lívia começou a
namorar com outro homem e o que
pior, um dia o Jó ~~foi~~ encontrou na
rua. De amor o Jó não a matou, pelo
menos ele não foi um homem forte, e
ele escolheu fugir.

Ele ficou tão doloroso e triste que
não conseguiu fugir da ^{doe} própria
Ele sentiu-se histórico e reiniciante.

Mas, como um homem, o Jó teve muitas
vantades de remir a mulher, pela ideia
inata dele. De qualquer forma, a Lívia
era um aroma.

Então ele começou a rep. tar a lenda
a embustes, falsas lírias escabrosas. Ele
usou vários jeitos, e com paciência mas

não ma malícia para redimir a mulher.
Ele conseguiu, tudo desenvolveu como que
ele tinha imaginado. E com o tempo,
as pessoas esqueceram o escândalo.
A mulher voltou, e eles se conviveram
novamente felizmente.

O Jó, notou a sua história inteira.

Este conto conta uma história sobre o amor complicado que aconteceu entre um homem e uma mulher casada. Vitoria é uma mulher ^{que} gosta de ficar com vários homens ao mesmo tempo. Ela tem marido mas também ela tá ficando com Jó Joaquim e outro homem. Para ela, Jó Joaquim é um dos seus homens. Mas, Jó Joaquim ~~que~~ ama Vitoria muito. Para ele, Vitoria é ~~fruto~~ ^{fruto}. Embora ela não ama ele com todo o coração, ~~ele se casa~~ ele não abandonou esta mulher. Por que o amor é cego, por que o amor é que aceita, incluindo os defeitos.

Esta história foi contada ~~pelas~~ pelas pessoas, pode ser uma história inventada. Também tem muitas possibilidades de ser uma história ~~real~~ que existe na vida real. Esta história é um enredo que acontece no dia-a-dia.

Este tipo de amor, talvez ^{seja} bem comum na nossa vida. O narrador não só está contando a história de Jó Joaquim e da Vitoria mas também tá contando a história de mim, de ti, dele ou dela, uma história sobre amor.

"DESENREDO"

Esse texto conta uma estória ^{como} ~~do~~ ~~o~~ ~~seguir~~
as seguintes:

Jó Joaquim é uma pessoa muito quieto e respeitado. Foi um dia de mais, ele encontra uma mulher muito linda, morena, casada, chamada Vilária. Jó Joaquim se apaixonou com ela pela primeira vista. Porém o marido dela é um homem ^{valentia} com ciúme. Jó Joaquim e Vilária só começaram o seu clandestino amor com muitas cautelas.

Logo depois, o marido da Valéria morreu. Jó Joaquim e essa mulher estavam muito felizes e se casaram de repente. Mas depois Valéria traiu o novo marido dela e teve outra amante. É Ainda que Jó Joaquim deparasse este escândalo por si mesmo logo. Ele sentiu triste e calado, ^{ficando} ~~sentindo~~-se criminoso, pois jó fez mesma coisa antes. Em fim, ele decidiu expulsar a mulher dele. Mas Valéria é ~~uma~~ uma mulher tão atraente para ele. Jó Joaquim não pode separar com Vilária.

Ele se confortou que qualquer pessoa teria
desvantagem, e ^{criou} reinou a vitria. Além
disso, João Joaquim também criou outras
estórias para difamar a verdade. Escondeu
a verdade e sustiu bem. Com o tempo,
as pessoas ^{foram} se esqueceram este escândalo.
E o casal conviveram felizmente. Vitória
mesmo teve uma melhor vida. E João
Joaquim ainda considera como uma
boa pessoa, o primeiro dos outros.

Melissa:

3 Ainda não sei o significado do título desta cont.
também duvido que ^{ex} o marido da vitria ~~tenha~~ ^{tenha} morrido ^{em} ~~em~~.